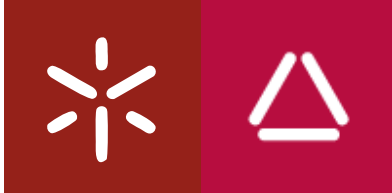


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Paula Augusta Rodrigues Vieira Dionísio

**O mito e a realidade atual da emigração
dos vieirenses para Zurique**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Paula Augusta Rodrigues Vieira Dionísio

O mito e a realidade atual da emigração dos vieirenses para Zurique

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia

Trabalho realizado sob a orientação de
Professor Doutor Jean Martin Rabot
Professora Doutora Clara Maria Faria Simões Mendes

DECLARAÇÃO

Nome: Paula Augusta Rodrigues Vieira Dionísio

Endereço eletrónico: paulavieira1972@hotmail.com

Telefone: 962849233

Número do cartão de cidadão: 9802368

Título da dissertação: O mito e a realidade da emigração dos vieirenses para Zurique

Biografias de pessoas da Vieira do Minho em Zurique (Suíça)

Orientadores: Professor Doutor Jean Martin Rabot

Professora Doutora Clara Maria Faria Simões Mendes

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado

Mestrado em Sociologia

Especialização em Organizações e Trabalho

De acordo com a legislação em vigor, não é permitida a reprodução de qualquer parte da presente dissertação.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

Dedicatória

“Mãe:

Abre os teus olhos menos, diz que sim!
Diz-me que me vês ainda, que me queres.
Que és a eterna mulher entre as mulheres.
Que nem a morte te afastou de mim!”

(Miguel Torga, Diário IV, 1993)

A si mamã, minha estrela guia onde quer que esteja.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, muitíssimo obrigada aos meus orientadores Professor Doutor Jean Martin Rabot e Professora Doutora Clara Maria Faria Simões Mendes pelos sábios conhecimentos que tão profissionalmente partilharam, pela prontidão inquestionável na orientação ao longo de todo o percurso da investigação, pela total disponibilidade e tolerância.

Aos emigrantes de Vieira do Minho em Zurique, gente da minha gente que contribuíram tão amavelmente e só assim foi possível realizar este trabalho, muito obrigada.

Agradeço á Clementina, companheira incomparável, pelo apoio incondicional, sempre que a exaustão chegava e pela nossa amizade que saiu reforçada depois desta jornada.

A ti Paulo, meu marido, obrigada, e que seja para o que der e vier, até sermos velhinhos.

Agradeço aos meus amados filhos, Taninha e Paulinho, ao meu genro Bruno e à minha nora Sarah, que me deram os meus netos, o meu bem mais precioso: Tiago, Henrique e Giulia que vieram iluminar a minha vida e são os meus amores maiores.

“Cheguei ao fundo da estrada
com duas léguas de nada,
não sei que força me mantém (...)
e a saudade tamanha
e o verão nunca mais vem
Quero ir para casa
Embarcar num golpe de asa
Pisar a terra em brasa
Que a noite já aí vem
Quero voltar
Para os braços da minha mãe.”

(Pedro Abrunhosa, 2013)

ÍNDICE

Lista de Gráficos.....	ix
Lista de Tabelas, Quadros e Mapas.....	xi
Lista de Abreviaturas.....	xiii
Resumo	xv
Abstract	xvii

Introdução	1
-------------------------	----------

1. Emigração em contexto de crise	5
1.1. Novos emigrantes.....	5
1.2. Conceito de emigração.....	16
1.3. Tipologia do Emigrante Português Minhoto.....	16
1.4. Características Identitárias	19
1.5. Emigração Atual.....	21
1.5.1. Portugal, país no contexto migratório/origem.....	21
1.5.2. Suíça, país no contexto migratório/destino	23
1.5.3. Estatísticas sobre a emigração atual com base em: OE/INE até 2015	29
1.5.4. Entradas dos portugueses na Suíça.....	31
1.5.5. Lei dos Permissos	34
1.5.6. Portugueses residentes na Suíça	38
1.6. Aquisição de nacionalidade suíça	41
1.7. Redes sociais e Emigração	42
1.8. Antes e depois das novas tecnologias	45
2. Metodologia.....	51
2.1. Histórias de Vida.....	51
2.2. Desenho e tipo de estudo	53
2.3. População e amostra.....	54
2.4. Método de recolha de dados.....	55
2.5. Método de análise de dados	55

3. Análise e discussão dos resultados	63
3.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	63
3.2. Análise Temática e unidades de registo	65
3.3. Análise das entrevistas	73
3.3.1. Motivos da emigração	73
3.3.2. Integração na sociedade suíça	75
3.3.3. Regresso a Portugal	80
 4. Conclusão	 85
 Bibliografia.....	 89
 Webgrafia.....	 96
 Anexos.....	 97

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Entradas de portugueses, principais países de destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.

Gráfico 2: Estatísticas da emigração portuguesa.

Gráfico 3: Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2014.

Gráfico 4: Nascidos em Portugal residentes na Suíça, 2000-2013

Gráfico 5: Nascidos em Portugal residentes no estrangeiro, principais países destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.

Gráfico 6: Aquisição de nacionalidade por portugueses residentes na Suíça, 2000-2015

Gráfico 7: Crise económica, instabilidade e melhores condições de vida

Gráfico 8: Vivência no mundo do trabalho-Relações/condições profissionais

Gráfico 9: Vivência societal: Relações com os suíços

Gráfico 10: Vivência societal: Relações com outras culturas

Gráfico 11: Vivência societal: Relações com os portugueses

Gráfico 12: Representações de Portugal

Gráfico 13: Familiares e amigos residentes em Portugal

Gráfico 14: A Saudade

Lista de Tabelas, Quadros e Mapas

Tabela 1: Entradas de portugueses, principais países de destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.

Tabela 2: Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2014.

Tabela 3: Nascidos em Portugal residentes na Suíça, 2000-2014.

Tabela 4: Nascidos em Portugal residentes no estrangeiro, principais países destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.

Tabela 5: Aquisição de nacionalidade por portugueses residentes na Suíça, 2000-2015.

Tabela 6: Dimensões de análise da entrevista.

Tabela 7: Caracterização sociodemográfica dos participantes.

Tabela 8: Matriz de Análise Temática.

Quadro 1: Lei dos permissos.

Mapa 1: Localização geográfica de Vieira do Minho

Lista de Abreviaturas

CESE- Comité Económico e Social Europeu

SECO- Secretaria de Estado da Economia Suíça

UE-27/AELC -Associação Europeia de Livre Comércio

OFS - Gabinete Federal das Estatísticas

OFAS -Gabinete das Seguranças Sociais

FMI- Fundo Monetário Internacional

BCE- Banco Central Europeu

OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONU- Organização das Nações Unidas

EUA- Estados Unidos da América

ILO- Organização Internacional do Trabalho na Suíça

ALCP- American Language and Culture Program

SECO- Secretaria de Estado para Assuntos Económicos

ODM- Objetivos de Desenvolvimento do Milénio

CESE- Comité Económico e Social Europeu

OE: Observatório da Emigração

INE: Instituto Nacional de Estatística

Resumo

Tomando por base o –nunca acabado– fenómeno da emigração e a sua evolução através dos tempos, este trabalho debruça-se sobre o tema, a partir dos anos 2008, ano em que a crise económica e financeira veio estremecer estruturas familiares e sociais mais frágeis, transformando-se numa espécie de último reduto para grande parte das pessoas que se preparavam para a entrada no mercado de trabalho, bem como a escassez de emprego daí resultante, afetou a todos de alguma forma, *empurrando* os portugueses, de novo, para uma situação de êxodo. Os vieirenses –população alvo deste estudo– *correm* assim, em direção a terras helvéticas, mais concretamente para Zurique (Suíça). Inicia aqui a “nova diáspora”, com origem na fragilidade económica de Portugal despoletada pela crise que emergia. Procurou-se identificar as motivações de saída de Portugal e de entrada na Suíça (Zurique), caracterizando os processos e os mecanismos de receção e integração na Suíça, em termos de mercado de trabalho e em termos sociais, em geral. Nesse sentido, procedeu-se à elaboração de uma tabela interpretativa baseada em narrativas dos participantes alvo deste estudo, sobre as políticas de cooperação existentes entre os dois países, adiantando uma reflexão sobre a tipologia dos fluxos de emigração para a Suíça e as suas modalidades de expressão em ambos os espaços. Cruzando as abordagens sobre a sociedade de acolhimento, as suas implicações em termos dos mercados de trabalho, assim como abordagens sobre os processos de relacionamento e integração. O desenvolvimento deste estudo está direcionado para uma perceção mais atualizada no que concerne ao conhecimento desta tipologia nos dias de hoje, aludindo à amplitude e solidez relativa ao mais recente fenómeno de saídas, “fuga” de portugueses da região de Vieira do Minho para a Suíça (Zurique), procurando atualizar dados que têm permanecido adormecidos em “mitos” sobre a velha/nova diáspora do séc. XXI.

Palavras-chave: Emigração, Crise, Diáspora, Redes Sociais, Histórias de vida

Abstract

Based on the – never finished - phenomenon of emigration and its evolution through the ages, this project deals with the economic and financial crisis that started in 2008 and shook the more fragile family and social structures, making emigration a sort of last resort for most people preparing to enter into the labour market, as well as the resulting job shortages that affected everybody in some way, pushing the Portuguese, again, to a situation of exodus. The population of the Vieira do Minho village - the target population of this study- flee towards Zürich, Switzerland. The "new diaspora" begins here, originating in Portugal's economic fragility and triggered by the emerging crisis. We sought to identify the motivations for leaving Portugal and entering Switzerland (Zurich), by characterizing the processes and mechanisms of reception and integration in Switzerland, in terms of the labour market and in more general social terms. In this sense, an interpretative table was elaborated based on the narratives of the target subjects of this study, about existing cooperation policies between the two countries, a reflection on the typology of the flows of emigration to Switzerland and its modes of expression in both spaces. I intend to cross the approaches on the host society, discover its implications in terms of labour markets, and how it affects the relationship and integration processes. The development of this study is intended to update the knowledge of this typology, alluding to the breadth and solidity on the more recent phenomenon of emigrations (the "escape" of Portuguese from the Vieira do Minho village to Zurich, Switzerland), looking for updated data that has remained asleep in "myths" about the old/new diaspora. XXI.

Keywords: *Emigration, crisis, diaspora, social network, life histories*

Introdução

A presente dissertação centra-se sobretudo no desmistificar do conceito de emigração, *viciado* e marcado pelos primórdios desta façanha, quer pelo seu impacto corroborado pelos aprofundados estudos já efetuados sobre o tema, bem como pela continuidade que lhe está impreterivelmente subjacente, a busca de uma vida melhor. Portugal é tido como um dos países pioneiros neste processo transnacional intensamente documentado, através da história, desde a época dos descobrimentos.

A migração é muitas vezes vista como a mobilidade de um indivíduo de um espaço para outro, em vez de uma forma de ligação dos dois espaços, mediada pelo migrante. Na maior parte da literatura nacional e internacional, a migração é estudada primariamente como uma imigração, ou seja, pela perspetiva do país de acolhimento, abordando as formas de incorporação social e as políticas dos grupos de origem estrangeira. Há ainda um ramo de estudos que foca as condições em que se desenvolvem os fluxos de migração, analisando factos como a exploração que os migrantes sofrem no país de acolhimento (Fibbi, 2004, p. 62).

Posteriormente, os estudos focam também a emigração analisando os seus efeitos positivos e negativos. No caso de Portugal, as investigações incidem, principalmente, sobre a emigração em resultado da longa tendência emigratória do país. Contudo, o fenómeno da globalização provocou um desenvolvimento de ligações horizontais entre os grupos de migrantes provenientes da mesma região, o que fez surgir novas abordagens teóricas, começando-se a investigar os efeitos que estas ligações teriam em ambos os países. Assim, para grande parte das reflexões teóricas, a migração produz efeitos negativos no país de origem, beneficiando, maioritariamente, o país de acolhimento. Porém, alguns estudos recentes evidenciam que os migrantes têm um papel ativo na sua relação com a sociedade de origem, contribuindo, deste modo, para o seu desenvolvimento. A emigração portuguesa, para além de ser um fenómeno social/económico, constatado nos mais diversos estudos ao longo da história, tem vindo a sofrer alterações no seu “modelo” clássico, e no decorrer dos anos, antecipa-se uma mudança de paradigma, dado que nos remete nas mais variadas conceções, para um movimento novo, o de uma nova diáspora, esta mais direcionada para a multidisciplinariedade, transculturalidade, refletida na sua evolução/transmutação discente, no emergente mundo globalizado.

No contexto do estudo que se pretende realizar, a problemática da emigração dos minhotos para Zurique, as práticas inovadoras desta mobilidade surgem como forma de progresso, de crescimento económico e até mesmo uma certa mudança de mentalidades, no que respeita à sua representação enquanto emigrante. Além disto, foca-se ainda o papel dos migrantes como agentes contributivos para o desenvolvimento dos países, bem como o alargamento de horizontes e da partilha de valores e de experiências que permitem o cruzamento de identidades culturais diversas.

Em Portugal, torna-se cada vez mais difícil encontrar emprego. Ter uma oportunidade de emprego é cada vez mais problemático e para aqueles que o conseguem é difícil escapar aos contratos a termo ou a outras formas de contrato precário, sem garantias de estabilidade. Neste panorama português torna-se frustrante e traumático a procura de emprego, sentindo-se “empurrados” para fora, “obrigados” a abandonar as famílias e o seu país, à procura de novas oportunidades.

Estes factos levantam a problemática de repensar a atual emigração e perceber qual é a sua realidade, diante do cenário em que Portugal se encontra, sobretudo nos anos que anteciparam a crise económica que assombrou Portugal e o mundo, originando de uma forma massiva a nova diáspora de gente, para outros países cuja conjuntura económica auspicia melhores condições e expectativas de uma melhor qualidade de vida. A formação de novas diásporas revelou-se numa exportação de gente, “nossa gente” (qualificados ou não), cuja fé se ia esvanecendo à medida que procuravam trabalho em Portugal. A tão discutida, a nível social, mediático ou governamental, fuga de cérebros, está a aumentar em Portugal e antecipa-se que esta tendência se mantenha no futuro.

O objetivo desta investigação é então, antes de tudo, perceber os motivos que levam os portugueses qualificados ou não, a saírem de Portugal, atualmente.

Posteriormente, procurou-se entender de que modo os emigrantes sentem a sua representação relativamente à sua inserção e adaptação, no país de destino tentando desembaraçar o *novelo*, do conceito urdido, ao longo da história da emigração portuguesa.

E, por último, pretendeu-se averiguar se a transferência de conhecimento e tecnologia, contribuiu para aliviar e minimizar o processo de mobilização destes emigrantes, para outras paragens.

No que toca à metodologia que foi posta em prática nesta investigação, optou-se por uma abordagem qualitativa em que as técnicas de recolha de informação através da entrevista semi-diretiva, sucedida da análise de conteúdo. Em relação à organização do relatório, este divide-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo foca o enquadramento teórico que serviu de fundamento para a pesquisa empírica propriamente dita. Para tal, abordaram-se os principais eixos analíticos em torno dos conceitos centrais de toda a investigação, tais como os motivos que impulsionam a “fuga” dos emigrantes, bem como, tentar perceber, quais os efeitos, negativos e/ou positivos, que esta vaga produziu.

O segundo capítulo enquadra a problemática da emigração portuguesa qualificada ou não, a partir das teorizações abordadas, de modo a sustentar as hipóteses de investigação formuladas e a responder à questão de partida que surge como fio condutor de todo o estudo: O que tem vindo a mudar na diáspora portuguesa mais recente?

O capítulo três dedica-se às opções de cariz metodológico. Em primeiro lugar, apresenta-se o objeto de estudo e a população alvo que caracteriza esta investigação e dá conta dos procedimentos metodológicos que foram levados a cabo para a prossecução dos objetivos propostos.

O quarto capítulo foca os resultados obtidos através da análise das entrevistas. Abrindo caminho para apresentar as reflexões finais, que versam sobre os pontos considerados mais relevantes desta investigação.

1. Emigração em contexto de crise

1.1. Novos emigrantes

Nesta investigação sobre a emigração e a sua especificidade atual, verifica-se que este fenómeno tem sido explorado fervorosamente e em grande escala, nos mais variados eixos do saber, sendo objeto de estudo entusiasta ao longo dos tempos, ainda que parco no que respeita aos atores sociais de Vieira do Minho, que se deslocaram para Zurique (Suíça).

Os estudos antecedentes acerca deste fenómeno histórico e marcante na realidade portuguesa deram o seu início, sobretudo a partir dos anos setenta do século passado, momento a partir do qual o conhecimento começa a ser considerado o elo fundamental na constituição sociopolítica das sociedades (Brandi, 2001; Gaillard e Gaillard, 1998; Mogueréu, 2006; Solimano, 2008). Desde então, desenvolveram-se vários estudos e teses que, dependendo do contexto, tendem a enfatizar a “perda” que essa fuga implica para um país.

Sobressai, não menos importante, a questão psicológica e emocional destes e da família que deixam, desenvolvendo-se mútuos traumas, que dificilmente serão superáveis. Além disso as motivações políticas e conjunturas económicas desfavoráveis e que causaram importantes fluxos migratórios, deram origem a significantes diásporas em todo o mundo (como dos judeus, polacos, latino-americanos, espanhóis), contudo, na eterna mobilidade de pessoas qualificadas/ não qualificadas, sobrepõem-se, uma, apontada muitas vezes e explicada por quem toma como *fatum*¹, esta decisão: a procura de melhores oportunidades, ganhar mais dinheiro, ter a possibilidade de ter/ver dinheiro, viverem e terem uma vida mais farta. E muitos há, em que esta fuga foi motorizada por, tentarem a sorte noutras paragens, já que não sentiam ser possível no seu país.

Além das motivações políticas e económicas que causaram importantes fluxos migratórios e deram origem a significantes diásporas no mundo (como dos judeus, polacos, latino-americanos, espanhóis), a mobilidade de pessoas qualificadas/ não

¹ O termo "fatum" (em latim) significa destino.

qualificadas aparece muitas vezes explicada pela procura de melhores oportunidades de carreira/vida.

Nessa ótica, os vários estudos sobre a deslocação de portugueses, apesar dos ângulos de visão e da ênfase da motivação, incluindo pessoais e culturais, a mobilidade das pessoas é constantemente objeto de preocupação e debate, sobretudo nos países atravessados por crises de emprego e marcados pela saída persistente de jovens, submetendo o país de origem ao inefável envelhecimento e desertificação. Apesar dos numerosos estudos sobre as migrações entre Portugal e Suíça, não se identificam recentemente pesquisas acerca dos efeitos e reflexos desta deslocação e fixação de portugueses com este destino específico. É pertinente, portanto, compreender o fenómeno desta mobilidade ascendente, bem como as suas perceções através dos testemunhos dos atores sociais envolvidos, antes mesmo das interpretações estatísticas.

Esta remessa de emigrantes que surgiu posteriormente às alterações subsequentes da crise económica à escala mundial e os reflexos na economia tem sido amplamente tratada quer a nível da investigação académica quer a nível das próprias estatísticas oficiais, sobre a emigração qualificada e seus impactos para o país.

A crise financeira de 2008, que teve origem na adoção de políticas orçamentais despesistas financiadas com baixas taxas de juro que tinham como principal propósito dinamizar a convergência económica de Portugal com os restantes Estados-Membros da Zona Euro. Porém, essas mesmas políticas resultaram numa divergência económica, consequência da queda do investimento, do baixo nível de crescimento económico, da deterioração da competitividade portuguesa e dos elevados níveis de endividamento público e privado.

Portugal vê-se forçado a pedir ajuda externa em 2011, pela terceira vez na sua história. Sendo que a primeira foi em 1977, a segunda em 1983. Nesta terceira vez, o FMI (agora acompanhado do BCE e da Comissão Europeia) surge com um pacote de ajuda por um lado e com uma lista de pesadas obrigações de outro. As medidas tomadas pela Troïka, foram tão austeras que afetaram assombrosamente a vida de todos os portugueses. Contudo e como em tudo os mais frágeis economicamente e o elevado aumento do desemprego que esta situação desencadeou, fez com que mais uma vez na história de Portugal se verificasse o êxodo massificado de portugueses rumo à esperança de uma vida melhor por esse mundo fora.

Os efeitos da crise de 2008 fizeram-se refletir um pouco mais tarde no que respeita às pessoas com qualificações e sobre quem se têm desenvolvido mais estudos aprofundando mais intensamente esse fenómeno, mas foram avassaladores, forçando a emigrar pessoas novas e velhas, sem qualificações superiores, que empiricamente antecipavam o desfecho incontornável encarado maioritariamente como último reduto de esperança numa vida melhor, emigrar. Estes, são na realidade pessoas cujas trajetórias de vida diferem das trajetórias da geração emergente, que se prepara já a nível académico para a oportunidade de emigrar, munindo-se assim de maiores competências, com o intuito pré-definido fora de suas origens, onde as suas valências lhes possam proporcionar uma qualidade de vida mais estável e qualitativa no país de acolhimento.

Percebe-se que muito antes desses estudos, as pessoas com menos qualificações, cuja fonte de rendimento está diretamente ligada à evolução /estagnação ou retração económica do país, antecipadamente prevê a necessidade de fazer frente a mais um fenómeno eminente, não novo, antecipam assim, um desfecho quase inevitável dada à sua compreensão empírica e resiliência no enfrentar, perante as vicissitudes da vida e os seus “confrontos”. A chegada de novos emigrantes a um “novo” país levanta questões de pesquisa diferentes do que em países com um longo historial de portugueses. Enquanto nos primeiros importa conhecer, por exemplo, dificuldades de inserção, nos segundos podem interessar os temas da velhice ou das relações intergeracionais de emigrantes.

Contudo, para as migrações contemporâneas e, especialmente, para alguns dos países(cidades) de destino mais recentes, inclusive o que decidi estudar, pouco mais se sabe do que a dimensão do fluxo ou do stock, sendo por isso ainda relevante produzirem-se estudos desta natureza. Acresce que grande parte dos estudos nesta categoria é baseada em estatísticas oficiais, sendo reduzido o número de trabalhos em que se procurou auscultar diretamente os emigrantes no que diz respeito às motivações, dificuldades, projetos futuros, fixação no país de destino e/ou ligações com Portugal. Territórios de destino mais recentes, como o Reino Unido e a Suíça, recomeçam agora a ser estudados. Pode-se, assim, confirmar uma ideia que tem sido pouco desvendado nos últimos anos esta diáspora contemporânea, incorrendo numa relativa invisibilidade da emigração portuguesa mais recente.

Em suma, face ao momento que o país atravessa, adivinha-se que a relativa omissão dos movimentos emigratórios recentes tenda a inverter-se e que alguns dos países de

destino de eleição nestes novos fluxos sejam (re)descobertos. Possivelmente, também a tendência global crescente de contraste acentuado entre a precarização do trabalho, por um lado, e a extrema mobilidade de “cérebros”, por outro, terão consequências ao nível das temáticas a explorar em futuros trabalhos académicos. O que parece ser certo, de resto, é que se voltará a olhar mais para o “Nós” no exterior do que para o “Outro” em Portugal.

A identidade, a diversidade e a multiculturalidade estão cada vez mais presentes nas sociedades modernas, tanto para as sociedades de acolhimento como para os países de emigração, sendo que a coabitação e a convivência pacífica, garantindo a todos o respeito por direitos e deveres, bem como pela sua identidade, representa sempre o ideal a atingir para ambas as partes.

Contudo estes atores sociais deslocados têm urgência em desenvolver mecanismos para melhor se encaixarem na nova vida e numa nova realidade longe do seu país de origem, estes têm desde logo o dever de respeitar o meio e cultura com que são confrontados e que desde já passam a integrar, ao mesmo tempo que tentam preservar a sua identidade e os laços com o seu país de origem. Este processo é longo e exige muitas alterações, particularmente no que diz respeito aos emigrantes, à adaptação ao novo país, à sociedade, aos seus costumes, à cultura, ao clima, às crenças e à língua, entre outros. Tudo isso faz parte de um agregado de novas experiências e novas aprendizagens para o emigrante.

Ao mergulharmos nas amostras da evolução da emigração portuguesa ao longo das décadas através da história, dos seus relatos esbarramos com testemunhos das contingências pelas quais este movimento empírico de subsistência tem vindo a revelar-se basilar no decorrer dos últimos anos, um alvo implacável uma vez mais, vemos que é premente a correlação destas saídas com o estado de desenvolvimento do nosso país e a conjuntura externa e internacional.

O emigrante é colocado à prova em todos os sentidos, ano após ano, dia após dia e hora após hora, o confronto constante com a distância dos seus entes queridos, arrasta muitas vezes as relações familiares para um abissal desmembramento, provocado pela ausência prolongada, na maior parte das vezes, sendo que este um processo que vai minando e fragilizando as emoções bem como a estabilidade das famílias, afetando

psicologicamente e emocionalmente o emigrante que parte, assim como dos familiares que ficam:

“Dois grupos e um só povo: os que ficam e os que saem. Duas faces de uma mesma realidade entrecortada por gerações e experiências diversas. Esse movimento para fora exige a aquisição de novos conhecimentos e reformulação da própria identidade, o movimento para ficar exige formas penetrantes de resistência” (Cavalcanti, 2002, p. 291).

Entendemos poder dizer que o elemento traumático, ligado ao processo de adaptação e integração numa nova sociedade, presente, com maior ou menor intensidade, em qualquer fenómeno emigratório, é fortemente vinculado ao processo de desenraizamento que a emigração pressupõe.

A emigração em massa de portugueses para a Suíça e países vizinhos teve o seu início na década de 1970. Contudo nos últimos anos, sobretudo a partir de 2008, atingiu o seu auge em 2013, verificando-se uma nova tipologia de emigrantes, o jovem com mais qualificação, ou seja, a “fuga de cérebros”. No entanto, importa frisar que o perfil predominante continua o mesmo: pessoas de baixa e média escolaridade. O motivo de saída continua a prevalecer sobre os mais novos, pese embora os atuais atores sociais na emigração detêm idades mais jovens, divergindo assim da “antiga” emigração: a precária economia de Portugal, aliada à remuneração salarial menor que a média europeia. Os fatores de crise que abalaram a conjuntura portuguesa refletiram-se por conseguinte nos fluxos migratórios, Padilla e Ortiz (2012) consideram que:

“Com o início da crise em Portugal, os fluxos migratórios começaram a sofrer algumas alterações. De um lado nota-se a desaceleração e a diminuição da imigração, que se reflete na queda global dos residentes estrangeiros, segundo os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Por outro lado, verifica-se o retorno ao país de origem, especialmente de brasileiros, como indicam os dados da Organização Internacional das Migrações e alguns estudos. Do lado da emigração, assiste-se a um crescimento acelerado das saídas de cidadãos portugueses, tanto qualificados como de pouca qualificação, embora a comunicação social ressalte especialmente a saída de recursos humanos qualificados” (p.165). Os mesmos autores referem ainda que, “os movimentos migratórios são uma das características mais proeminentes das sociedades contemporâneas. A globalização tem contribuído para intensificar estes movimentos devido à compressão de tempo e espaço provocada pela revolução dos transportes e das comunicações” (Padilla, 2012, p. 159).

No livro *Palacio de Cristal. Para Uma Teoria Filosófica da Globalização* de Sloterdijk (2008), o fenómeno da globalização passou a intervir nas sociedades de

múltiplas formas, transformando-as. Nesta teoria filosófica relativa à globalização, Peter Sloterdijk ratifica que este processo não é nem nunca foi algo único. O autor defende que a história da globalização é a história de uma conquista dupla, “conquista da terra por via marítima e conquista da subjetividade” de que resulta num imenso espaço chamado mercado (Sloterdijk, 2007, p. 29). Ainda no parecer do autor na temática, este faz a distinção em três fases o processo de globalização: a fase metafísico-cosmológica (a globalização morfológica, que ocupa um intervalo de dois mil anos entre Aristóteles e Copérnico), a fase marítimo-terrestre (com o papel principal da Espanha como protagonista da “conquista do mundo” através da colonização) e a fase mais recente da globalização eletrónica, ou seja, a mundialização das telecomunicações.

“A globalização tem provocado um rápido aumento da mobilidade populacional a nível internacional, tendo tido vários efeitos nas migrações: multiplicação e aceleração dos movimentos migratórios; diferenciação do background económico, social e cultural dos migrantes; desterritorialização das comunidades culturais; multiplicidade de diásporas, o que implica uma nova concepção de cultura – cultura desterritorializada, que assenta na ideia de que não é necessário partilhar o mesmo espaço (território) para pertencer a uma determinada cultura, podendo existir uma criação de laços fortes de pertença que transcendem o poder soberano do Estado-Nação, sendo que, o partir não é necessariamente deixar de pertencer”² (Horta, 2004 cit in Pimentel, 2006, p, 73).

Apesar de infinitas dualidades de pareceres relativos ao início da era da globalização, parte dos efeitos desta, são na realidade sentidos a partir dos avanços tecnológicos, da interligação, da interdependência dos mercados financeiros a uma escala mundial, com diminuição das distâncias, que unificaram e facilitaram a fluidez da informação, cada vez mais presente no quotidiano das pessoas. Hoje diz-se que o mundo é uma aldeia global e com estas informações em larga escala, as grandes empresas instalaram-se em vários países, acrescentando os avanços céleres na área das novas tecnologias, intensificando-se expressivamente, um aumento de fluxo de pessoas e mercadorias que deu origem ao intercâmbio de informações, aceleração e transformação de todo o procedimento transcultural.

Num discurso proferido por Jorge Sena na cidade da Guarda, durante as comemorações do “Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas”, no dia 10 de junho

² Desterritorialização da cultura: este conceito refere-se à forma como indivíduos percecionam a sua pertença a várias comunidades, apesar do facto de não partilharem um mesmo território com todos os seus membros. Integra a possibilidade de aceder a muitos mundos e escolher símbolos culturais, de viver num mundo em simultâneo (Horta, 2004, in Seminário de Cidadania e Participação Política, U.A. Porto).

de 1977 - o primeiro depois da “Revolução dos Cravos”, este escritor ao citar Camões, destaca a elevação que o mesmo dedica ao povo e ao *SER* português, em forma de hino, na sua obra “*Os Lusíadas*” enaltecendo-o.

“Ninguém como Camões nos representa a todos, repito, e em particular os emigrantes, um dos quais ele foi por muitos anos, ou os exilados, outro dos quais ele foi a vida inteira, mesmo na própria pátria, sonhando sempre com um mundo melhor, menos para si mesmo que para todos os outros. Ele, o homem universal por excelência, o português estrangeirado e esquecido na distância, o emigrante e o exilado, é em *Os Lusíadas* e na sua obra inteira, tão imensa e tão grande, a medida do mais universal dos portugueses e do mais português dos homens do universo. Ninguém, como ele desejou representar em si mesmo a humanidade, representar tão exactamente o próprio Portugal, no que Portugal possui de mais fulgurante, de mais nobre, de mais humano, de mais de tudo e todos, em todos os tempos e lugares. Ele é, como ninguém, o homem que viajou, viu e aprendeu. O homem que se sente moralmente no direito de verberar com tremenda intensidade, as desgraças de viver-se e os erros ou vícios da sociedade portuguesa. É o exilado físico de muitos anos, mas é, como todos nós, e nisso tanto ou mais o somos que outros povos, o exilado moral, clamando por justiça, por tolerância, por dedicação à pátria, por espírito de sacrifício, por unidade nacional e universal” (Sena, 1977, discurso proferido na cidade da Guarda).

E aqui podemos auferir a postura “portuguesa” e do “ser” português, que é vincada quando este se depara com a necessidade de levar a cabo os seus intentos de uma vida melhor, num outro país, sem deixar para traz a sua identidade “nacional” e “individual”, com o patriotismo que lhe corre nas veias e em simultâneo com a tenaz ligação às suas raízes, reforçando o que somos o que fazemos e vivenciamos. É isso que nos constrói enquanto pessoas; tudo o que aprendemos, tudo aquilo em que cremos e tudo aquilo que vivemos no dia-a-dia, faz de nós quem somos, cunhando a nossa identidade. Por outras palavras, é na condição de seres humanos que nos construímos entre o eu e o outro, construímo-nos no contacto diário com o nosso ecossistema familiar e social. Somos seres sociais e é através do trato social que nos vamos formando. A nossa identidade está em nós e nos outros, está no modo como nos vemos e pensamos, no modo como vemos e pensamos o mundo, mas também no modo como o resto do mundo nos vê.

Este fenómeno intercultural, isto é, o contacto e as relações estabelecidas entre indivíduos e grupos culturas diversas não é novo, variando até mesmo a sua compreensão “As relações entre culturas e as minorias culturais sempre existiram – a novidade reside na maneira de perceber, de analisar e ter em conta estes fenómenos” (Clanet, 1990, p. 18).

Ao longo da vida, cada pessoa desenvolve um sentido de identidade própria e portadora de livre arbítrio para agir de forma pessoal, mas não somos seres isolados e é pelo contato, pelo discurso, pelas vivências, que nos construímos e somos construídos.

Stuart Hall, sociólogo e investigador dos Estudos Culturais, trata o projeto de identidade em três aspetos fundamentais: o sujeito do Iluminismo, que estava baseado numa conceção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado; o sujeito sociológico, que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A identidade torna-se assim uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Hall (1987) rejeita o mito do *homo economicus*; a lógica de origem no inconsciente; a autoria sem individualidade; o "poder disciplinar" foucaultiano, e, por fim, a abertura promovida pelo feminismo. Defende ainda, com base nesses princípios, de que as culturas nacionais não são homogêneas.

Diz o autor: "Em vez de pensá-las como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade" (Hall, 1999, pp. 61-62). Um outro aspeto relevante tratado por este autor, foi a questão da identidade relacionada ao carácter da mudança na modernidade tardia que, no seu entender, está associada, em particular, ao processo de mudança conhecido como "globalização". Esta teve um impacto sobre a identidade cultural, pois provocou fluxos culturais e como consumidores de culturas as pessoas passam a partilhar identidades (Hall, 1992).

Diante desse contexto de globalização e identidades, nasce um novo conceito, detentor de dois movimentos paradoxais: Tradição e Tradução. Para entender o que o autor chama de Tradição e Tradução e podemos interpretar o que nos diz: "Em toda parte, estão emergindo identidades que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produtos desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado" (Hall, 1992, p.88).

Então, Tradição aparece quando as nações tentam recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Já Tradução é quando as nações aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença. É nesse movimento entre tradição e tradução que surgem as culturas híbridas produzidas na modernidade tardia.

Verificamos que as pessoas detentoras de vínculos profundos com o seu passado, mas que a ele não podem volver, esforçam-se então para que a sua cultura possa dialogar com a outra (país de acolhimento) sem, contudo, permitir a ameaça à sua identidade. Este autor enfatiza a sua teoria, que passo a citar:

“Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (Hall, 2005, p. 39).

Ainda sob o tema, Michel Maffesoli, sociólogo francês, no seu livro *Sobre o Nomadismo*, também nos dá um cunho no que respeita à sua visão sobre identidade social, caracterizando o fim de século como uma espécie de formação de tribos. Na sua análise, procura escapar ao individualismo como eixo da vida social na direção de formas concretas da existência, procura dar conta de uma época onde os valores flutuam e onde os papéis tradicionais se desfizeram.

Neste livro, Maffesoli, mostra que a fragmentação das sociedades corresponde a uma retomada da autonomia do indivíduo, que procura no seu grupo, o seu espaço no grupo, algo que corresponda a seus anseios, que tenha a sua cara e a sua atitude, observa o homem comum e a sua passagem de um modo de identidade (conotação ideológica) para uma forma de identificação (imagem, conotação que interessa o imaginário).

Para o autor, a identidade seria uma característica da modernidade, enquanto a identificação da pós-modernidade se ocupa da teoria de uma sensibilização pós-moderna que fundamente as mudanças da civilização e defende uma reflexão na nova dinâmica social. A distinção é óbvia para este autor, o nomadismo e a errância relacionam-se ainda com a pluralidade de valores e a pluralidade de papéis, conduzindo-nos a um "politeísmo de valores", e a multiplicidade de valores leva, por sua vez, a uma errância estrutural, à variação permanente de papéis desempenhados pelo indivíduo.

Este politeísmo de valores será, portanto, causa e efeito de uma vida errante. Uma vida que levaria ao encantamento pessoal e a um reencantamento do mundo, pois se antes tínhamos uma relação de confiança contratual, um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, hoje não, hoje, o perfil é mutante, a profissão quase não existe, o projeto é ocasional e o futuro incerto, o que vale é o presente.

É neste contexto, que percebemos a interseção ideológica de Maffesoli e Hall, que em simultâneo defendem que caminhamos para uma saturação da lógica clássica da

identidade. Jean Martin Rabot, no seu artigo: *Syncretisme et postmodernité*, defende que a mestiçagem das culturas que resulta das diversas migrações ocorridas ao longo do tempo, assim como o politeísmo que caracteriza a pós-modernidade, são os elementos indispensáveis para aprender o fenómeno universal do “*sincretismo*”, que se aplica a este consequente pluralismo de pertenças identitárias. É, portanto, uma fusão de elementos culturais diferentes ou antagónicos até, num só elemento, mantendo perceptíveis alguns traços originários é, “a coincidência dos opostos” (Rabot 2008, p. 189).

Do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade deve ser vista como uma reconstrução permanente, flexível e dinâmica, como resultado de processos temporais, de inserção e integração: “O sincretismo e as migrações estão intimamente ligados. Convém notar que, devido às migrações, as culturas só podem abrir-se aos outros. (...) Citemos ainda o caso dos imigrantes portugueses que souberam através do mundo manter vivas as suas raízes e até mesmo vitalizar a sua cultura de origem em contato com os outros” (*Ibid.*, p. 183).

Anthony Giddens, sociólogo britânico, remete à identificação e à identidade, sistematizando o tema na sua obra *As consequências da Modernidade* (1990). O autor afirma que a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990).

A modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexível da vida na qual as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, o seu carácter (*Ibid.*, pp. 37-38).

Desse modo, a modernidade, para o autor, é inerentemente globalizante, os indivíduos passam a ter mais mobilidade social e geográfica, e começam a libertar-se das comunidades unitárias e homogêneas do passado, onde os padrões transmitidos passavam de geração em geração.

Atualmente, os humanos têm a oportunidade de decidir a sua vida e de criar e recriar as suas identidades a todo o momento, apesar da complexidade do tema, Giddens procura abordar as várias facetas de um processo aparentemente contraditório. De facto, o rompimento, ainda que parcial, com uma ordem tradicional, ao mesmo tempo em que

promove uma certa autonomia pessoal, retira também uma sensação de firmeza das coisas, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade para o indivíduo. Uma simples leitura de um jornal de domingo é suficiente para observarmos a ocorrência de inúmeros desacordos entre especialistas das mais diversas áreas. Podemos dizer que vivemos hoje num contexto instável e complexo de argumentos e contra-argumentos científicos.

Na ausência de uma autoridade definitiva, ao indivíduo é que cabe escolher e decidir em que acreditar. Várias são as correntes, vários são os discursos, várias são as teorias, cada um realiza a sua síntese pessoal e desenvolve o seu projeto reflexivo individual.

Este projeto reflexivo diz respeito, portanto, a um mundo cada vez mais constituído de informação, e não de modos preestabelecidos de conduta, em que o indivíduo se sente obrigado a viver realizando escolhas contínuas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta a revisões. A reflexividade da modernidade, considerada pelo autor uma das maiores influências sobre o dinamismo das instituições modernas, permite vislumbrar de que forma a modernidade, fenómeno global de longo alcance, altera a natureza da vida social quotidiana.

Nas condições da pós-modernidade, as sensações de inquietude e ansiedade infiltram-se na experiência do dia a dia dos indivíduos, pois a narrativa da autoidentidade torna-se inerentemente frágil diante das intensas e extensas mudanças que a modernização provoca. Entretanto, ainda que a modernidade seja suscetível à crise, favorece, por outro lado, a apropriação de novas possibilidades de ação ao indivíduo, oferecendo oportunidades de revisão de hábitos e costumes tipicamente tradicionais (Giddens, 2008).

Esta pertença identitária, a do povo português, é latente no livro: *O Labirinto da Saudade*, de Eduardo Lourenço que audazmente nomeia os dilemas e complexos do modo de *ser português*, não hesitando em expor a grandeza e pequenez do imaginário lusíada, ao apontar os seus mitos traumáticos (o da origem ou do nascimento, o da dominação espanhola e o do *Ultimatum* inglês) e a fixação obsessiva dos portugueses numa imagem surreal de si mesmos, adulterada em torno de uma ideia de grandeza que era, no fundo, uma ficção e, cito: “Irrealismo impressionante... descentragem permanente dos

portugueses e da sua própria realidade” considerando, portanto, que nós portugueses, “vivemos para lá da realidade, seja em relação ao orgulho ímpar em ser português ou, e quase confundindo-se, à desgraça “fatal” de um povo que não resiste a pensar mal de si próprio” (Lourenço, 1978, p. 77).

1.2. Conceito de emigração

No que respeita à palavra “emigração”, ela designa o ato de emigrar ou de partir, por parte de alguém que decidiu abandonar o seu país, com o qual mantém uma relação de nacionalidade, e, entre outros aspetos, com o qual se relaciona sob o ponto de vista político. Completamos estas ideias, apoiados no referido por Rocha-Trindade *et al.* (1995) a respeito do termo “emigrar” e “emigrante”.

Emigrar significa assim “...deixar a pátria ou a terra própria para se refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência em país estrangeiro; os protagonistas desta ação serão designados, por quem os considere como ausentes e enquanto essa situação se mantiver, por emigrantes” (Rocha-Trindade, 1995, p. 31) Quanto à noção de “emigrante” será: “... um nacional ausente, com perda pouco significativa de direitos no país de onde provém e talvez até, uma certa diminuição dos deveres e obrigações inerentes à sua qualidade de cidadão. Em contrapartida, como imigrante, é um estrangeiro vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece e onde terá de inserir-se, sujeitando-se às leis que a administram” (*Ibid.*, p.31).

1.3. Tipologia do Emigrante Português Minhoto

O emigrante minhoto do século XVIII era um Homem que centrava a sua vida do dia a dia e apoiando-se na agricultura de subsistência, regido com o vigor expresso na sua religiosidade, acabando por conceber traços envoltos no conjunto de valores no campo pessoal, familiar e social. “Nós, Minhotos, temos uma identidade própria. A nossa pronúncia é linda, temos expressões e palavras únicas, e o calão que usamos não tem maldade. O minhoto não se esconde, assume o seu ‘sotaque’, o seu gosto pelos pratos e

doces regionais. O Minhoto é trabalhador e nunca teve, nem tem, medo do desconhecido e de se aventurar pelo Mundo fora³”.

O fulcral desafio que se coloca a um emigrante é o de ter que confrontar-se com uma realidade absolutamente diferente e na maior parte das vezes “desconhecida” e que é reiterado por estas pessoas no confronto com seu “Eu” interior e solitário diante do desconhecido, amedrontando a sua adaptação e integração; outro aspeto interessante a ter em conta é a identidade pessoal do indivíduo que emigra, pois, a identidade e sentido de pertença a Portugal implica o vínculo patriótico enraizado “*na alma*” e a valorizar tudo o que é português.

Albertino Gonçalves, no seu livro: *Imagens e Clivagens*, outorga que: “sempre que podem compram português, consomem português, sonham com Portugal” (...) “Aqui passam as férias aqui investem (...) são estas as suas paisagens de referencia estas as suas gentes, estas as normas e os valores porque ainda, em boa parte, se regem (...) o apego à terra dos emigrantes tornou-se, aliás, proverbial” (Gonçalves, 1996, p.159).

O emigrante português teima em preservar, no seio familiar o falar a sua língua, mantendo assim a transmissão das raízes linguísticas, como uma forma sôfrega de perpetuar a origem que o viu nascer, as tradições portuguesas, do nosso lugar, mesmo lá fora, incutindo na sua descendência princípios de amor à pátria, às suas gentes e à sua terra natal, mantendo vivo o *ser português*, transportando essa *religião* para outros locais onde a expressão de Portugal se possa desenvolver e manter viva, nomeadamente em cafés, creches e associações portuguesas onde falam português, comem comida portuguesa, ouvem a nossa música, dançam em ranchos folclóricos, assistem aos jogos de futebol, discutem a situação do país e falam das suas perspetivas e projetos futuros, entre quem os compreende e sente as mesmas ansiedades, frustrações, limitações e saudades. E neste contexto de caracterização do emigrante minhoto, insere-se, Vieira do Minho (conhecida frequentemente apenas como Vieira) é uma vila portuguesa localizada no Distrito de Braga, Região do Norte e sub-região do Ave, com cerca de 2 200 habitantes. Foi a região alvo para esta pesquisa.

É sede de um município com 218,05 km² de área e 12 997 habitantes (2011), subdividido em 16 freguesias. O município é limitado a norte pelo município de Terras

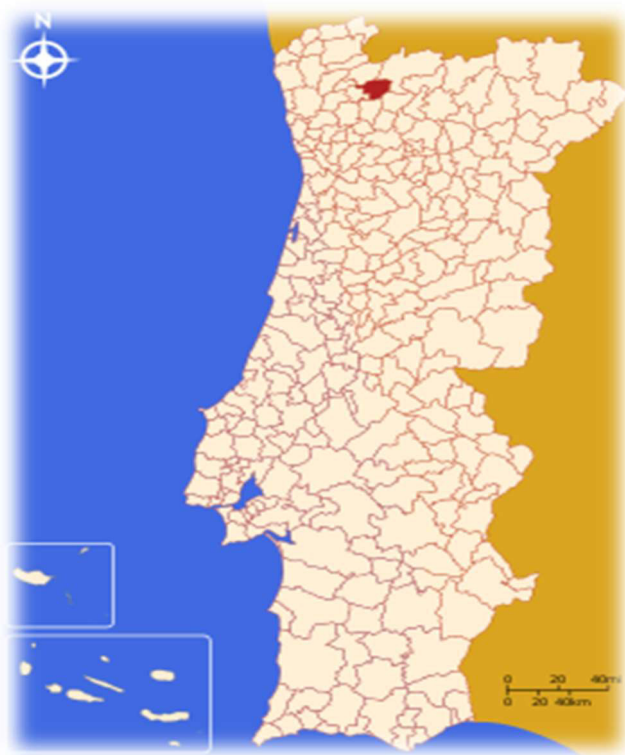
³ Crónica de José Manuel Fernandes no Jornal *Correio do Minho* em 06-02-2014.

de Bouro, a norte e leste por Montalegre, a sueste por Cabeceiras de Basto, a sul por Fafe, a sudoeste por Póvoa de Lanhoso e a noroeste por Amares.

O ponto mais elevado do concelho situa-se na Serra da Cabreira mais precisamente no Alto do Talefe, com a altitude de 1262 metros.

Os habitantes de Vieira são denominados de *Vieirenses*.

Mapa 1: Localização geográfica de Vieira do Minho



Fonte: <https://www.cm-vminho.pt/>

Vieira do Minho é um concelho composto por várias freguesias que, no seu todo, apresentam traços e problemas comuns. Situado no noroeste do país, na região do Minho, o concelho de Vieira do Minho enquadra-se num cenário com características predominantemente rurais, sendo um concelho envelhecido, dependente e pouco dinâmico, com uma grande dispersão demográfica, o que se traduz no isolamento geográfico e social de muitos povoados, nomeadamente, dos situados nas regiões mais montanhosas e distantes da sede do concelho. Estamos perante um concelho marcado pela ruralidade com a concentração de população em determinadas freguesias e com uma dispersão demográfica muito grande nas freguesias afastadas da sede do concelho. Os dados demonstram ainda que Vieira do Minho se apresenta atualmente como um concelho pautado pelo envelhecimento populacional, o qual é acompanhado por uma variação

populacional negativa. Toda esta variação acentuada, nos tempos de hoje, deve-se substancialmente ao êxodo de pessoas que buscam melhores condições de vida, onde quer que seja, para fazer face aos défices de oportunidades pessoais, locais e regionais, bem como na vertente de fixação da população local.

1.4. Características Identitárias

A vivência anterior à emigração que os portugueses experimentaram naquele local/país, que fez deles quem representa outros tantos pontos de referência que continuarão a orientar aqueles que decidem sair. A saída representa, desde logo, uma rutura do indivíduo com o seu país, a sua pátria, a sua gente.

Pese embora, emigrar não resulte apenas no afastamento físico do país de origem para viver e trabalhar num novo país, é, pois, um processo que envolve incomensuráveis alterações na vida dos indivíduos, infinitas adaptações, sobretudo no caso de os países de acolhimento serem na maior parte das vezes distantes, geográfica, linguística e culturalmente.

Este processo estrutural dá origem a uma grande transformação na vida das pessoas e exige uma grande batalha de adaptação e integração, que está intrinsecamente ligada a questões de domínio linguístico ou à falta dele. Neste contexto sirvo-me de uma citação de Bauman, que tão profundamente descreve o processo: “Estar total ou parcialmente deslocado em toda a parte, não estar totalmente em lugar nenhum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa se sobressaíam e sejam vistos por outras pessoas como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora” (Bauman, 2005, p.19).

O *saudosismo* português que acompanha cada emigrante, vá para onde for, seja por questões familiares (as pessoas que ficam), ou pelo seu “lugar”, a sua casa, o espaço onde cresceu, deixando para trás as pessoas que conheceu e com quem se relacionou uma vida, os seus hábitos, o seu clima, a sua história, os seus valores, as suas crenças, foi estudado por Eduardo Lourenço e bem explícito na sua *Magnum opus: Labirinto da Saudade*. O autor diz:

“A consciência da nossa fragilidade histórica projecta os seus fantasmas simultaneamente para o passado e para o futuro (...) realidade indecisa, incerta do seu

perfil e lugar na história, objecto de saudades impotentes ou pressentimentos trágicos...” (Lourenço, 1978, p. 86).

Esta saudade é um sentimento característico do povo português e fomenta por vezes uma dualidade de emoções identitárias. Por um lado, são portugueses porque falam português e mantêm, no país de acolhimento, alguns hábitos, valores e costumes do país de origem e, por outro lado, quando se encontram em Portugal, - sentem-se estrangeiros fora e cá dentro - não conseguem abandonar, por vezes inconscientemente, práticas do quotidiano que foram interiorizando, mesmo que involuntariamente, sem deixar de valorizar alguns aspetos da cultura do país de acolhimento que consideram relevantes, nomeadamente a assistência médica e social e o pagamento justo do valor do seu trabalho. Gonçalves, descreveu o típico emigrante português sob ponto de vista da representação destes, lá fora, aquando confrontados com o afastamento físico das suas origens.

“Acarinham-se as raízes, cultiva-se a memória, incentiva-se e participa-se em iniciativas e convívios que congregam patrícios, recriam-se e elevam-se os símbolos fundadores e aglutinadores de uma identidade, formam-se associações e multiplicam-se as pontes, institucionais ou não, com os conterrâneos⁴” (Gonçalves, 1996, p.160). Mas, e apesar desta premissa ter sido genuína nos tempos a que respeita, convém ressaltar que começa a antever-se uma nova atitude migratória, ainda que leve, no que toca a esse embrenhamento comunitário que mitificou e marcou na história a nossa emigração.

Assim, no país de acolhimento são portugueses e em Portugal são um pouco franceses, suíços, alemães (Monteiro, 2014). Todavia, esta nova geração de emigrantes é uma geração que chega e projeta imediatamente a necessidade de aprender a língua do país que os acolheu para melhor se inserirem, não se deixando reduzir e ou confinar à sua comunidade, querem e precisam de mais. A língua, sendo o basilar meio de comunicação dos homens, torna-se fundamental para o processo de integração destes novos cidadãos, exerce o primordial elo de ligação e meio de acesso à comunidade e ao país que lhes é estrangeiro.

Mesmo assim, e com todas as possíveis adaptações a que está sujeito e de todas as mudanças que sofre, à chegada ao país de acolhimento, o emigrante tem,

⁴ A recente vaga de geminações, com base territorial, entre, por exemplo, cidades, vilas e concelhos portugueses e franceses, suíços, alemães ou outros, deve-se, em grande parte, à iniciativa e ao empenho dos emigrantes aí radicados.

simultaneamente, que enfrentar sentimentos de afastamento no tocante ao seu país, à sua família, amigos e à sua cultura de origem, que se associam à tentativa de preservar a ligação ao país de origem, mantendo intacta parte da sua identidade.

É, pois, portanto, um enorme desafio de coragem o de sair em direção a um outro mundo desconhecido, deixando para trás tudo aquilo que se conhece e que era familiar. É muito comum ouvirmos em primeira pessoa (o emigrante), que: emigrar é voltar a ser criança, é ter que aprender tudo de novo, aprender a falar uma nova língua, aprender a andar na nova cidade/ localidade, aprender a comer, porque a comida é diferente, aprender a estar e a conhecer as pessoas, aprender e perceber como as coisas funcionam, aprender sobretudo a respeitar e a ser respeitado. Ser emigrante é quase como nascer de novo, tudo é novidade tudo tem que ser assimilado. O português é visto como um povo essencialmente humano, honesto, cordial e bondoso, que usa mais o coração do que a cabeça, versa sobre o português alguma desorganização, mas detentor de grande capacidade de improvisação (desenrascanço), com enorme mestria na adaptação e resiliência a outras culturas, sem perder, contudo, o seu carácter, brioso no seu espírito aventureiro e de missão, postura essa que, nos é retratada pela história, desde os descobrimentos à emigração.

A emigração é tida como uma batalha sem tréguas desde que há memória no povo português, ideia defendida por Eduardo Lourenço, afirmando que esta, é a eternizada, “Aventura de pobre ... é sempre a dos que buscam em longes terras o que em casa lhe falta. Contudo não se ganha nada, a não ser contribuir para novos mitos, pouco inocentes, tanto sob o plano cultural como político, em unir e assimilar o que a história separou e continua separado.” (Lourenço, 1978, pp. 123- 124)

1.5. Emigração Atual

1.5.1. Portugal, país no contexto migratório/origem

Portugal foi tradicionalmente um país de emigração, que vem do período da expansão imperial e colonial, passando, por exemplo, pela emigração transoceânica económica para o Brasil, no século XIX, e pela emigração intraeuropeia, a partir de 1960, para alguns países da Europa Ocidental. Constatamos que o tema da emigração continua

a ser um tema atual, contando com inúmeros estudos feitos ao longo da história, foi um objeto do passado e será certamente, um objeto do futuro.

Os portugueses, os que se encontram desempregados e mesmo os que têm emprego no país de origem e são titulares de maiores qualificações, sentem o apelo à emigração, perspetivando realizar, num curto espaço de tempo, a melhoria na sua condição de vida.

É um assunto indubitavelmente do quotidiano de todos e é uma realidade que nos muda e molda, quer sejamos nós próprios emigrantes, quer façamos parte da sociedade de origem/acolhimento. É, pois, um processo que atua nos dois sentidos. O mundo de hoje caracteriza-se neste contexto pelo fenómeno da mobilidade das pessoas, ou para utilizar um termo menos conotado com a ideologia produtivista da sociedade industrial, pelo fenómeno do nomadismo (Maffesoli, 1997), sendo que os emigrantes se predispõem a sair em direção ao mundo por razões económicas, mas também por razões existenciais.

Essa mobilidade e nomadismo das populações tem consequências tanto no local de origem, como no local de chegada, contribuindo para a constituição de sociedades e grupos cada vez mais heterogéneos, ou seja, para um nomadismo social que emerge. Este fenómeno revela-se um fenómeno de natureza social, cuja expansão e presença se constata um pouco pelos quatro cantos do mundo. A crise financeira de 2008 e as medidas de austeridade subsequentes massificaram a emigração da atualidade, associada à busca de melhores condições de vida.

No início de dezembro de 2009, o desemprego atingiu 10,2 % da população, o maior em 23 anos. Desde então, o desemprego já subiu para 15,6%, no final de 2013 e a emigração intensificou-se, com destaque para a mão de obra qualificada, mas não só, também a mão de obra não qualificada, ainda é muito representativa nesta vaga migratória. Só entre janeiro e setembro de 2013, a população ativa em Portugal diminuiu 1,6%, fatores que contribuíram para o aumento da emigração.

Os registos dos fluxos da emigração atual em Portugal ainda são escassos, em virtude de as sociedades democráticas constituírem como direito fundamental dos cidadãos a possibilidade em sair do país sem qualquer comunicação aos organismos estatais.

Os registos possíveis têm sido sobretudo obtidos, com base nos fluxos de entrada de portugueses nos países de destino, contudo, a obtenção de dados estatísticos fiáveis ainda são poucos nesta nova vaga de emigração, visto que a facilidade de mobilidade no

contexto europeu propiciou essa lacuna, originando grande concentração da emigração portuguesa neste espaço geográfico (Suíça).

O principal problema no apuramento dos fluxos de saída com base nos registos de entradas no destino tende a ser mais de subestimação da sua dimensão, por deficiência de registo, do que o de sobrestimação, por efeito das duplas contagens em casos de emigração. Elaborar uma estimativa aos fluxos de emigração de um país com base nos dados sobre as entradas nos países de destino é a metodologia principal ainda hoje utilizada como regra, em especial em organismos internacionais como a OCDE, a ONU e o Banco Mundial.

Como referido, a emigração portuguesa é hoje, fundamentalmente, uma emigração intraeuropeia. Dos 21 países de destino para onde se dirigem mais emigrantes portugueses 14 são europeus. E entre os 10 mais só dois se localizam noutro continente (Angola e Moçambique). São europeus todos os destinos para onde migraram mais de dez mil portugueses/ano nos últimos tempos (Reino Unido, Suíça, França e Alemanha).

O Reino Unido é ainda hoje o país para onde emigram mais portugueses: 31 mil em 2014. Seguem-se, como principais destinos dos fluxos, a Suíça (20 mil em 2013), a França (18 mil em 2012) e a Alemanha (10 mil em 2014). Fora da Europa, os principais países de destino da emigração portuguesa integram o espaço da CPLP: Angola (5 mil em 2014, 6.º país de destino), Moçambique (4 mil em 2013, 9.º país de destino) e Brasil (2 mil em 2014, 11.º país de destino).

Analisando estes fluxos a partir do seu impacto no destino, verifica-se que os portugueses representam 17% dos imigrantes entrados no Luxemburgo em 2014, 12% na Suíça em 2013 e 12% em Macau em 2014, bem como 8% em França em 2012. Neste ano os portugueses foram a nacionalidade mais representada entre os novos imigrantes entrados em França, a segunda mais representada entre os novos imigrantes no Luxemburgo e na Suíça, a sexta no Reino Unido e a sétima no Brasil.

1.5.2. Suíça, país no contexto migratório/destino

A Suíça é um país geograficamente localizado no centro da Europa, partilhando fronteiras com a França (a oeste), a Alemanha (a norte), a Áustria e o Liechtenstein (a leste) e com a Itália (a sul), a Suíça foi e é sinónimo de prosperidade, organização e

limpeza, um lugar ideal para se viver, desde a guerra civil do *Sonderbund*⁵ (1847) e a criação da sua Constituição Federal, em 1848.

Durante os anos 1980 e 1990, à semelhança do que aconteceu nos anos 60 do século XX e primeiros anos da década de 1970, os portugueses emigraram principalmente para países europeus. Contudo, neste período, a Suíça assumiu-se como principal polo de emigração, em detrimento da França detentora desse pódio até então. As saídas para a Suíça registaram um fluxo importante, quer as que se realizaram com caráter temporário, quer as que apresentaram um caráter permanente.

A Suíça começou a atrair um número crescente de trabalhadores nacionais e passou a representar um novo paradigma para a emigração, devido às novas modalidades migratórias. A mentalidade dos suíços é sobretudo pró-europeia. Mesmo não estando integrados na União Europeia, os suíços (sobretudo os da zona francófona) têm ideias europeias sobretudo ocidentais, tais como a liberdade, tolerância e pluralismo. O povo suíço é tido como sendo conservador nos seus ideais e que defende um outro ponto de vista do que a Europa. Porém, é caracterizado por ser um país democrático pioneiro, transformando-se numa referência para a Europa, no seguimento dos seus passos para a democracia atual.

A Suíça possui uma economia estável e em ascensão com um PIB per capita superior a muitas outras nações europeias. É um país cuja economia se baseia em três setores essenciais, agricultura, indústria e serviços.

A base principal do motor económico do país é a exportação de material de precisão como motores, jato e relógios; produtos químicos e farmacêuticos; serviços de seguros e banca internacionais, a exportação de energia elétrica para os países vizinhos e a exportação de produtos lácteos como o chocolate e o queijo. É um país com elevado poder de compra, pese embora o custo de vida também. É um dos destinos que mais atrai os portugueses, nesta aventura emigratória da atualidade.

Assim, e para melhor percebermos este processo migratório, recorreremos a estatísticas, verificadas pelo Observatório da Emigração, no que respeita aos principais países emigratórios na atualidade, que como poderemos constatar a Suíça detém um dos primeiros lugares procurados para emigrar por parte dos nossos emigrantes, logo a seguir ao Reino Unido.

⁵ A Guerra de Sonderbund é uma guerra civil que iniciou-se depois da constituição adotada entre 1830-1831 no princípio da "Régénération" - período entre as revisões constitucionais cantonais e a fundação do Estado Federal Suíço em 1848.

O total de estrangeiros que emigraram para a Suíça em 2013 fez desta vaga de emigração a segunda maior para este país, sendo que, os emigrantes Portugueses representaram 12% desse total a seguir à Alemanha. (Ver Tabela 1 e Gráfico 1).

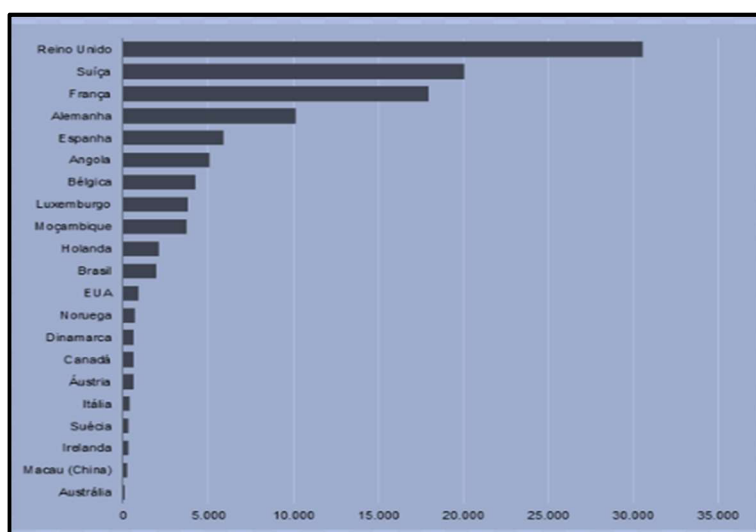
Tabela 1: Entradas de portugueses, principais países de destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.

País	Entradas de estrangeiros	Entradas de portugueses		
		N	Em percentagem das entradas de estrangeiros	Posição relativa nas entradas de estrangeiros
Alemanha	1,145,953	10,121	0.9	--
Angola	--	5,098	--	--
Austrália	158,943	76	0.0	--
Áustria	154,260	581	0.4	--
Bélgica	109,995	4,227	3.8	--
Brasil	47,259	1,934	4.1	7.º
Cabo Verde	--	--	--	--
Canadá	258,953	629	0.2	--
Dinamarca	64,874	637	1.0	--
Espanha	399,947	5,923	1.5	--
EUA	990,553	918	0.1	--
França	229,600	18,000	7.8	1.º
Holanda	137,160	2,079	1.5	--
Irlanda	59,294	302	0.5	--
Itália	307,454	374	0.1	--
Luxemburgo	22,332	3,832	17.2	2.º
Macau (China)	2,278	262	11.5	--
Moçambique	--	3,759	--	--
Noruega	61,429	653	1.1	--
Reino Unido	767,763	30,546	4.0	6.º
Suécia	126,966	309	0.2	--
Suíça	167,248	20,039	12.0	2.º
Venezuela	287,499	--	--	--

Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

Os portugueses foram a nacionalidade mais representada entre os novos imigrantes entrados em França e a segunda mais representada entre os novos imigrantes no Luxemburgo e na Suíça. (Ver Gráfico 1)

Gráfico 1: Entradas de portugueses, principais países de destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.



Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

Os percursos migratórios de hoje, tornaram-se mais diferenciados, complexos, mais heterogêneos, as pessoas são também mais qualificadas, mais universais, alcançando todos os continentes, países, géneros, classes sociais e gerações com implicações nos vários domínios da esfera pública e privada e sobretudo familiar.

Segundo a OCDE, um terço das migrações internacionais são migrações familiares, sendo a reunificação familiar a principal via de entrada da imigração para a União Europeia e EUA, verificando-se que 75% dos fluxos migratórios anuais são constituídos por cônjuges, filhos e outros familiares, ainda que os projetos migratórios sejam cada vez mais autónomos e individualizados (Ramos, 2008, 2013). Mundialmente estima-se que haja 740 milhões de migrantes internos e 240 milhões de migrantes internacionais (ONU, 2012).

Destes migrantes internacionais, 50% são mulheres, constituindo a feminização das migrações uma das características das migrações contemporâneas. A Europa é o continente que acolhe o maior número de migrantes no mundo e o mais feminizado. A mobilidade familiar e a feminização das migrações têm vindo a promover mais oportunidades para a família e para a mulher ao nível identitário, social, educacional e económico. O acolhimento, integração e bem-estar das famílias migrantes nas sociedades

recetoras estão relacionados com um conjunto complexo e variado de fatores, em que se destacam fatores psicológicos, sociais, económicos, culturais, jurídicos e políticos. Estes reenviam ao estatuto social, económico e jurídico do indivíduo e da família migrante na sociedade de acolhimento, às suas redes sociais e de suporte, às atitudes da sociedade de acolhimento e às políticas dos governos e dos Estados.

Neste contexto, foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (Resolução n.º 45/158, 18/12/1990) a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos dos Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias (2003). Para o Comité Económico e Social Europeu (CESE, 2004), esta Convenção tem como objetivo “a proteção dos direitos humanos e da dignidade das pessoas que emigram por razões económicas ou laborais em todo o mundo, mediante legislações adequadas e boas práticas nacionais”.

Esta Convenção reconhece a proteção internacional de determinados direitos humanos fundamentais, definidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU, 1948), para todos os trabalhadores migrantes e suas famílias. Sendo que, todo o indivíduo tem o direito de circular livremente e escolher a sua residência no interior de um Estado. Todo o indivíduo tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

O acolhimento dos migrantes e a gestão da diversidade cultural nas zonas urbanas constitui uma das grandes preocupações atuais, tendo o Conselho da Europa e a Comissão Europeia lançado em 2008 – Ano Europeu do Diálogo Intercultural, o projeto Cidades Interculturais (2008), tendo como objetivos: combater os preconceitos e a discriminação; lutar pela igualdade de oportunidades, adaptando as estruturas de gestão, as instituições e serviços às necessidades de todos os seus habitantes e cidadãos; desenvolver a cooperação com as empresas, a sociedade civil e os diferentes agentes públicos, um conjunto de políticas e atividades, de modo a promover os contactos entre os diferentes grupos culturais, diminuir os conflitos e a violência, e consolidar políticas públicas que tornem a cidade mais sustentável, atrativa, acolhedora e solidária para todos.

O processo migratório constitui um processo complexo, capaz de provocar a inadaptação, o disfuncionamento, a doença, bem como, por outro lado pode contribuir para o desenvolvimento, o bem-estar, a saúde e a criatividade dos indivíduos e das

famílias. As migrações implicam, na sua maioria, a separação da família enquanto rede de apoio, pelo que as condições de deslocamento influenciam os benefícios e resultados decorrentes.

Em situação de migração, a família separa-se da vida comunitária tradicional, reduz-se a uma família nuclear ou monoparental, a qual passará a suportar sozinha as responsabilidades que até ali eram partilhadas pela família alargada ou pela comunidade, confirmando uma diminuição ou perda das redes de apoio familiar e suporte social, situação que vem reforçar o isolamento e a vulnerabilidade das famílias. Muitas famílias passam a deslocar-se dos seus países e a abandonar as suas casas para trabalhar em países mais ricos, sendo obrigadas muitas vezes a deixar os seus filhos no país de origem, ao cuidado de outros familiares.

Esta situação exige novos arranjos familiares e tem implicações psicológicas, familiares e sociais importantes para as famílias, tendo incidências, através da história da emigração, sobretudo para as mães e as crianças que ficam, os “órfãos” das migrações.

Os desafios decorrentes da necessidade de equilíbrio entre a vida familiar e o trabalho, entre as responsabilidades familiares e laborais, desencadeiam muitas vezes vulnerabilidades e stress para as famílias migrantes, sobretudo para as de baixos recursos, atingindo mais especificamente as mulheres. Na conciliação entre o trabalho e a família e dado o número de horas que dedicam ao trabalho doméstico e ao emprego, à dupla jornada de trabalho e ao menor nível de apoio por parte de redes informais ao longo da vida conjugal, estas famílias, e mais particularmente as mulheres, sofrem consequências negativas para o seu bem-estar e saúde e limitações nas suas opções entre cuidados familiares e emprego (ILO, 2010).

Ou seja, são especialmente as mães e as crianças, sobretudo nos primeiros anos de vida, as mais vulneráveis ao stress, às ruturas, às transformações e às dificuldades resultantes de todo o processo migratório e de aculturação.

Nas famílias migrantes, por um lado, a maternidade é vivida como uma nova etapa na constituição da família, com um aumento de responsabilidades e exigências; por outro lado, sobretudo para algumas mães, é vivida com angústia, medo e solidão, devido ao desenraizamento familiar e social.

A migração poderá vulnerabilizar a vivência das famílias e mais concretamente da maternidade. Este facto é agravado ainda, devido aos condicionalismos impostos pela migração, nomeadamente a aculturação psicológica, a solidão/isolamento e o individualismo.

A situação de conflito cultural, a insegurança e ansiedade daí resultantes estão na origem de conflitos familiares, prejudiciais para a saúde, para as relações conjugais, bem como para as competências maternas e paternas (Ramos, 2004, 2009, 2011, 2012a, b). As dificuldades psicossociais, emocionais e culturais, sobretudo nos primeiros anos de migração, a insegurança, a sobrecarga de trabalho, a depressão, o isolamento das relações sociais e familiares poderão provocar, em certos casos, um empobrecimento afetivo, um desequilíbrio no sistema de interação familiar, uma inadequação das respostas relativas à família nuclear. (Ramos, 2008, 2009a, 2011, 2012; Munk-Olsen *et al.*, 2006; NY *et al.*, 2007; Fung & Dennis, 2010).

1.5.3. Estatísticas sobre a emigração atual com base em: OE/INE até 2015

Portugal é o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes; dados da ONU, constantes do Relatório do Observatório da Emigração, indicam que 22% dos portugueses vivem no estrangeiro. Saídas de 110 mil pessoas todos os anos só tem comparação com a década de 1960.

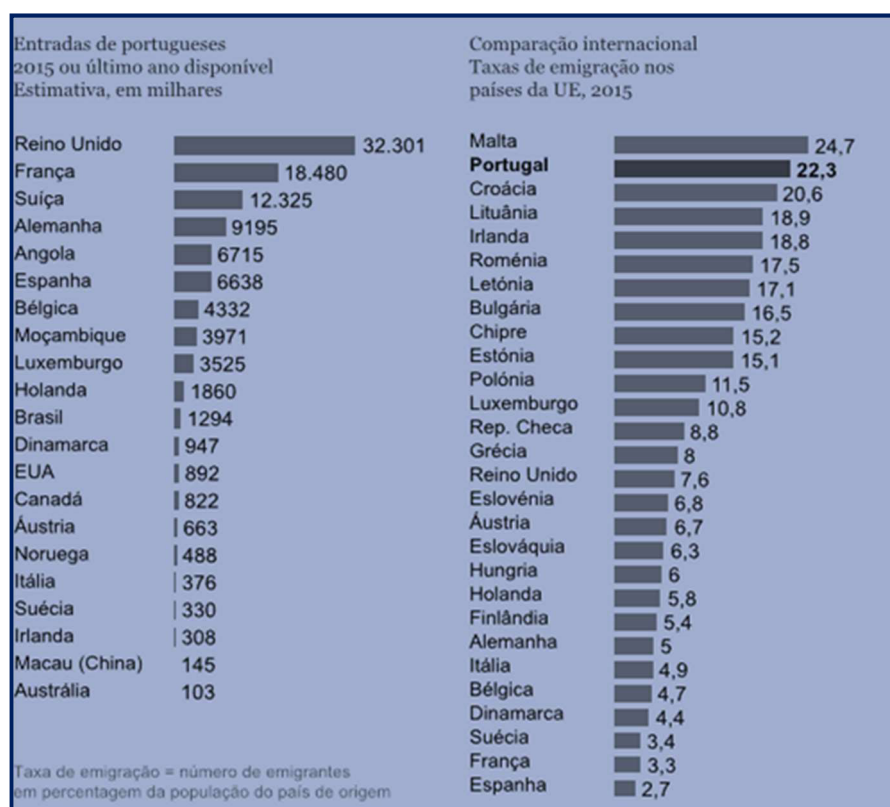
Em 2015, de acordo com dados das Nações Unidas, constantes do último relatório do Observatório da Emigração de 2015, havia 2,3 milhões de portugueses no estrangeiro, o que coloca Portugal como o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes em proporção com a população residente: 22%. Só depois surge a Croácia com 20,6%.

Ao invés do que seria expectável num período pós-crise, em que a emigração poderia ser uma escolha para menos portugueses, o número de saídas para o estrangeiro tem-se mantido em alta, depois do auge atingido em 2013: acima das 110 mil por ano.

Estes números só encontram paralelo na tendência que se verificou nos anos 60 e início dos anos 70, quando se ultrapassou, nalguns anos, este patamar.⁶

Em 2014, em conformidade com os dados publicados no Relatório Estatístico para a Emigração, Portugal exibiu uma taxa de desemprego jovem de 36,8%, bastante acima dos 16,7% do Reino Unido, dos 8,7% da Suíça ou dos 7,6% da Alemanha. Como demonstrado no gráfico que se segue verifica-se uma propensão ascendente para a emigração, estimulada pela conjuntura económica deficitária, cuja a comparação a nível internacional, Portugal posiciona-se no *pódio*, no que respeita a este fenómeno. (Ver Gráfico 2).

Gráfico 2: Estatísticas da emigração portuguesa de 2015



Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2015

⁶ Ana Dias Cordeiro, “Portugal é o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes”, Notícia de 24 de fevereiro de 2017, Jornal *O Público*.

1.5.4. Entradas dos portugueses na Suíça

No ano de 2013 a entrada de portugueses na Suíça atingiu um total de 20,039, com acréscimo de 6% em relação ao ano anterior. As estatísticas revelam um aumento significativo de entradas de portugueses para a Suíça, que partiram de um número de 4 mil para 20 mil respetivamente no espaço de tempo de 2000 a 2013.

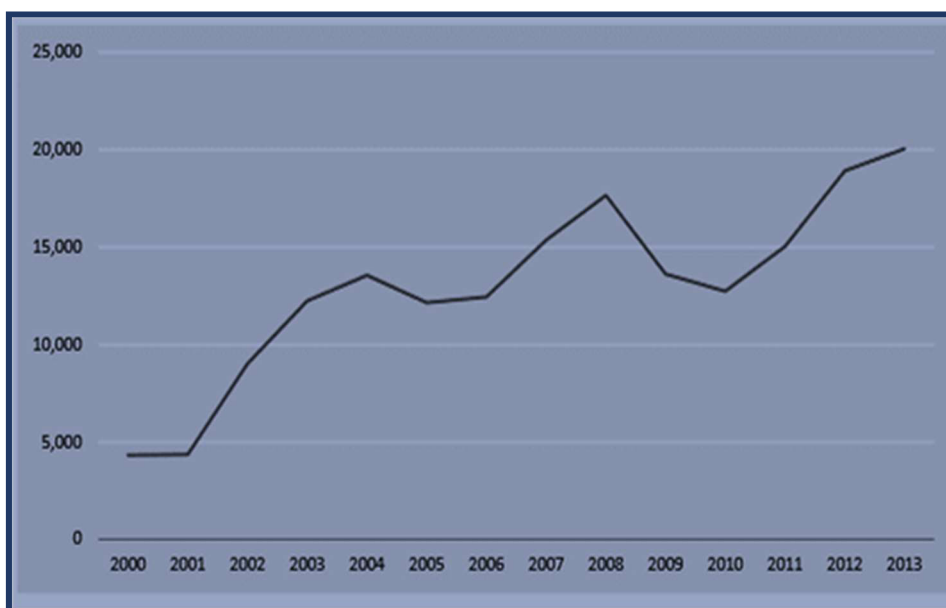
No decorrer deste período este número aumentou gradativamente, constatando-se uma diminuição nos dois anos posteriores à crise, 2009 e 2010, assim como verificado nos outros países europeus, pese embora as entradas dos portugueses continuem a situar-se acima das 10 mil entradas por ano. (ver Tabela 2 e Gráfico 3).

Tabela 2: Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2014.

Ano	Entradas de estrangeiros		Entradas de portugueses		
	N	Taxa de crescimento anual (%)	N	Em percentagem das entradas de estrangeiros	Taxa de crescimento anual (%)
2000	84,200	..	4,311	5.1	..
2001	99,746	18.5	4,347	4.4	0.8
2002	105,014	5.3	9,005	8.6	107.2
2003	98,812	-5.9	12,228	12.4	35.8
2004	100,834	2.0	13,539	13.4	10.7
2005	99,091	-1.7	12,138	12.2	-10.3
2006	107,177	8.2	12,441	11.6	2.5
2007	143,855	34.2	15,351	10.7	23.4
2008	161,629	12.4	17,657	10.9	15.0
2009	138,269	-14.5	13,601	9.8	-23.0
2010	139,495	0.9	12,720	9.1	-6.5
2011	140,508	0.7	15,020	10.7	18.1
2012	151,002	7.5	18,892	12.5	25.8
2013	167,248	10.8	20,039	12.0	6.1
2014

Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

Gráfico 3: Entradas de portugueses na Suíça, 2000-2014.



Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

A Suíça registou um número recorde de 13 mil chegadas de emigrantes portugueses em 2013, segundo dados da Secretaria de Estado da Economia Suíça (SECO) que constam de um relatório divulgado em Berna.

O relatório indica que nos anos 1990 a imigração era quase nula (0,59%), mas desde 2002 a população residente na Suíça aumentou 0,96% ao ano. Entre 2002 e 2013, cerca de 40.700 pessoas emigraram por ano para Suíça e só no ano passado entraram 66.200 imigrantes oriundos da zona UE/AELE, ultrapassando o recorde de 61.200 imigrantes em 2008.

De uma maneira geral a imigração da Europa do Sul aumentou sensivelmente desde 2008. Em 2013, os cidadãos portugueses no saldo migratório de todos os Estados da UE-27/AELC (Associação Europeia de Livre Comércio) era de 20%, enquanto 50% do total de imigrantes era oriundo dos países mais afetados pela crise do euro (Grécia, Itália, Portugal e Espanha).

De acordo com o UE-27/AELC (Associação Europeia de Livre Comércio)), a população estrangeira contabilizava 1.949.000 de pessoas até dezembro 2013, um aumento de 70.000 pessoas em relação ao ano anterior. Hoje, uma em cada quatro pessoas residentes na Suíça é estrangeira, diz o documento. Os italianos e os alemães representam 16% (cada um) dos estrangeiros, seguidos pelos portugueses (13%).

A população estrangeira na Suíça, residente permanente e residente temporária, passou de um aumento de 26.000 pessoas por ano entre 1991-2001 para 40.500 pessoas

por ano entre 2001-2013. Inicialmente, este aumento devia-se à entrada de cidadãos de fora de Europa, mas depois o crescimento da população estrangeira começou a ser gerado em grande parte pelos cidadãos europeus, desde da entrada em vigor do acordo sobre a livre circulação (ALCP).

Os europeus constituíam 89% do crescimento da população estrangeira na Suíça, distribuída entre os alemães (36%), portugueses (23%), franceses (10%) e britânicos (4%).

O relatório refere ainda que os portugueses, os italianos e os espanhóis trabalham sobretudo no setor da construção, da hotelaria-restauração e da agricultura. Em 2013, com 31% de estrangeiros, o setor da construção registou o maior aumento de mão-de-obra estrangeira, em virtude da boa conjuntura no país. No caso do setor hoteleiro, o número de trabalhadores imigrantes diminuiu para 33% em 2013. No caso dos cidadãos portugueses, a taxa de desemprego é mais elevada, porque essa comunidade é bastante ativa naqueles setores e porque trabalham em regiões da Suíça onde o desemprego é estruturalmente superior.

Este relatório analisa as consequências do acordo sobre a livre circulação das pessoas no mercado de trabalho suíço e as prestações da segurança social, como o desemprego ou o apoio social.

Este relatório do SECO, realizado em conjunto com ODM, OFS (Gabinete Federal das Estatísticas) e OFAS (Gabinete das Seguranças Sociais), conclui que o balanço da imigração europeia para a economia suíça é globalmente positivo. Alerta também sobre a modificação do artigo 121.º da Constituição federal, na sequência da iniciativa contra a imigração, aprovada em referendo, dia 09 de fevereiro deste ano de 2014, a qual prevê a introdução de contingentes e a prioridade para os trabalhadores locais.

1.5.5. Lei dos Permissos

A permissão de estadia B de cidadãos da UE e da EFTA prorroga-se, sem maiores formalidades, pelo prazo de cinco anos, se as exigências para tanto estiverem cumpridas. A primeira prorrogação de uma permissão de estadia B pode ficar restrita ao prazo de um ano, se a pessoa em questão estiver há mais de 12 meses involuntariamente sem trabalho.

Os cidadãos dos 15 primeiros estados da UE e cidadãos da EFTA obtêm, após cinco anos ininterruptos de estadia regular, uma permissão de residência C. Para cidadãos dos 10 novos estados da UE ainda essa regra ainda não é vigente.

A validade de uma permissão para estadia de curta duração (permissão L) corresponde ao tempo de duração de uma relação de trabalho por prazo determinado. Ela pode ser prorrogada por até um ano. A permissão pode ser renovada após um ano, sem que a pessoa em questão tenha que deixar a Suíça (ver Quadro 1).

Os outros permissos que constam no quadro, não respeitam à população alvo para este estudo, são somente de caráter informativo.

Quadro 1: Lei dos permissos

<u>NOME</u>	<u>CONDIÇÃO PRÉVIA</u>	<u>FORMA</u>	<u>TÉRMINO E TRANSFORMAÇÕES</u>
A: SAZONAL (POSTERIORMENTE) L	Previsto pra trabalhador da área da construção civil, business, hotel e turismo. Pedido através do empregador. Somente para profissões classificadas. Somente para alguns países europeus.	9 meses por ano. Não se pode mudar de cantão de emprego. Não há "união da família".	Não tem direito automático à renovação. Pode-se transformar em permissão B depois de 36 meses de trabalho dentro e 4 anos.
B: PERMISSÃO ANUAL	Casamento com um Suíço/a ou com um estrangeiro/a com permissão Suíça. Através de união de família" Refugiados reconhecidos permissão "C" ou depois de 10 anos de casamento com um estrangeiro com permissão "B"	Tem que ser (normalmente) renovado todo ano. Para "união da família "precisa de alguns pré-requisitos: moradia grande o suficiente para a família, situação financeira estável e suficiente cuidado para as crianças asseguradas. Necessário aprovação da Polícia para a mudança de Cantão. Normalmente não	Termina com a saída definitiva da Suíça. Não é (normalmente) renovado nos seguintes casos: depois de um divórcio com u cidadão suíço, se o casamento durou menos de 5 anos depois de uma separação/divórcio de um estrangeiro antes de 5 (ou 10) anos de casamento.

		se pode trabalhar por conta própria.	
C: PERMANENTE	Previsto para qualquer profissão (exceto direito e medicina) Depois de 5 a 10 anos de moradia com permissão "B", dependendo da nacionalidade. Depois de 5 anos com casamento com cidadão suíço ou estrangeiro com permissão "C" ou depois de 10 anos de casamento com um estrangeiro com permissão "B".	Permissão não está vinculada a um motivo. Permissão para mudança de Cantão. Pode-se trabalhar por conta própria.	Termina com a saída definitiva da Suíça. Pode-se ausentar por 6 meses ou com permissão até 2 anos.
D:ÓRGÃOS DIPLOMÁTICOS	Trabalhar em entidades estrangeiras governamentais.		
F:TRABALHADORES FRONTEIRIÇOS	Pedido através do empregador. Somente para profissões classificadas. Morar em país vizinho à Suíça.	Não tem visto de moradia, somente de trabalho.	Não tem visto de moradia, somente de trabalho.

G:CURTO	Estudante. Artista (entre eles dançarinas de cabaré)Au-pair.	Até 8 meses por ano (a permissão deve ser renovada mensalmente) 18 meses para Au-pair. Não existe "união de família".	Dançarinas não podem ficar mais e 1 mês sem trabalho. Não se pode transformar em outro tipo de permissão.
---------	--	---	---

1.5.6. Portugueses residentes na Suíça

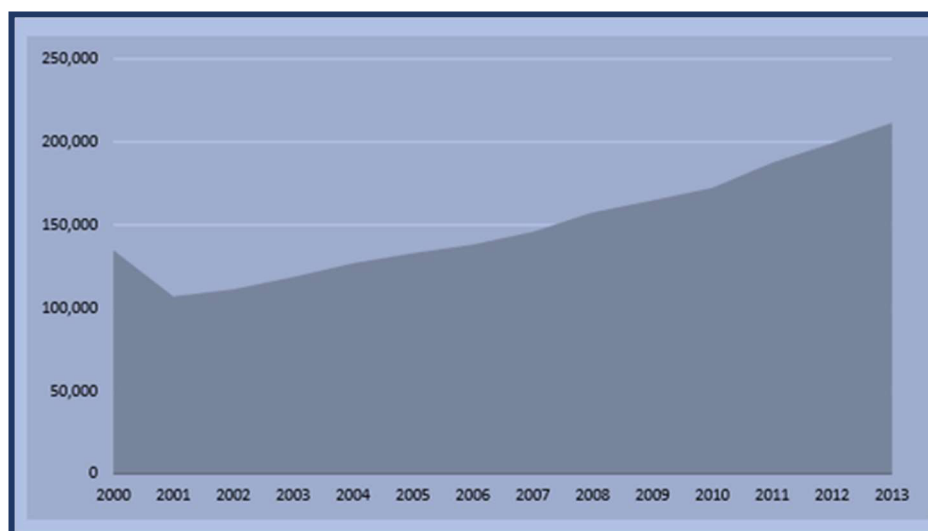
Os portugueses emigrados na Suíça em 2013 totalizaram 211,451, mais 6% em relação ao ano de 2012 (ver Tabela 3 e gráfico 4). A presença de emigrantes portugueses na Suíça intensificou-se, superando os 135 mil em 2000 para 211 mil portugueses em 2013. Relacionando, os portugueses constituem 10% do total de nascidos no estrangeiro a residir na Suíça em 2013, sendo a segunda população mais numerosa entre os emigrantes na Suíça, seguido dos nascidos na Alemanha. (ver Tabela 3 e gráfico 4).

Tabela 3: Nascidos em Portugal residentes na Suíça, 2000-2014.

Ano	População nascida no estrangeiro		Nascidos em Portugal		
	N	Taxa de crescimento anual (%)	N	Em percentagem da população nascida no estrangeiro	Taxa de crescimento anual (%)
2000	1,056,843	..	134,675	12.7	..
2001	1,083,580	2.5	106,828	9.9	-20.7
2002	1,106,438	2.1	111,106	10.0	4.0
2003	1,124,813	1.7	118,521	10.5	6.7
2004	1,144,304	1.7	126,789	11.1	7.0
2005	1,159,677	1.3	132,872	11.5	4.8
2006	1,173,324	1.2	138,065	11.8	3.9
2007	1,221,068	4.1	145,736	11.9	5.6
2008	1,287,496	5.4	157,455	12.2	8.0
2009	1,326,262	3.0	164,691	12.4	4.6
2010	2,075,182	56.5	172,274	8.3	4.6
2011	2,158,424	4.0	187,409	8.7	8.8
2012	2,218,445	2.8	199,209	9.0	6.3
2013	2,289,560	3.2	211,451	9.2	6.1
2014

Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

Gráfico 4: Nascidos em Portugal residentes na Suíça, 2000-2014.



Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

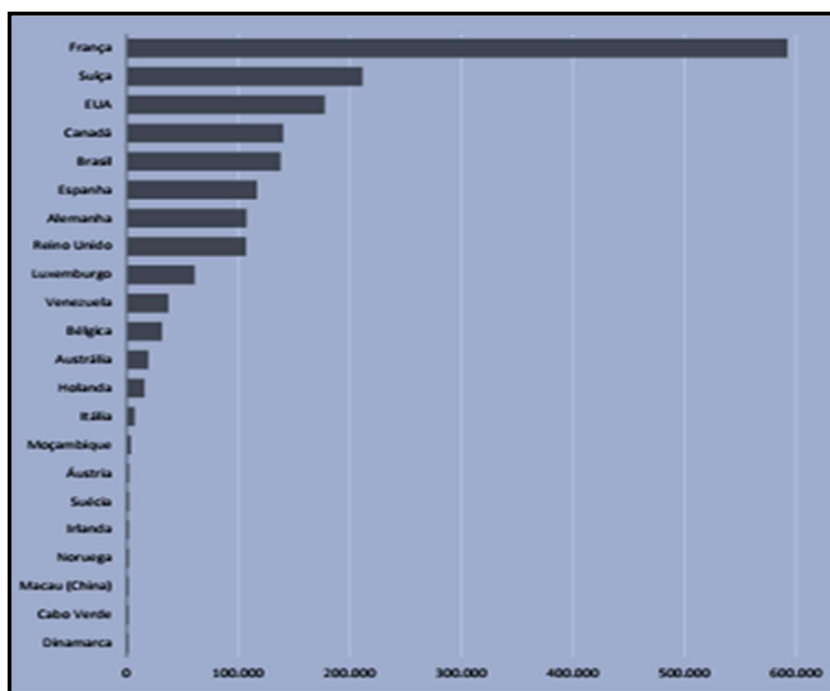
O número de residentes portugueses na Suíça posiciona-se acima dos 200 mil e, consequentemente, obtém hoje, o estatuto de segundo país do mundo onde residem mais portugueses emigrados, logo a seguir à França. (Ver Tabela 4 e Gráfico 5)

Tabela 4: Nascidos em Portugal residentes no estrangeiro, principais países destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.

País	População total	População nascida no estrangeiro		Nascidos em Portugal			
		N	Em percentagem da população total	N	Em percentagem da população total	Em percentagem da população nascida no estrangeiro	Posição relativa na população nascida no estrangeiro
Alemanha	80,925,031	6,920,193	8.6	107,470	0.1	1.6	..
Angola
Austrália	23,491,000	6,600,750	28.1	19,290	0.1	0.3	..
Áustria	8,507,786	1,414,624	16.6	2,288	0.0	0.2	..
Bélgica	11,099,554	1,747,641	15.7	31,564	0.3	1.8	..
Brasil	190,755,799	592,570	0.3	137,973	0.1	23.3	1.*
Cabo Verde	491,683	17,788	3.6	1,716	0.3	9.6	5.*
Canadá	32,852,325	7,217,295	22.0	140,310	0.4	1.9	..
Dinamarca	5,627,235	570,425	10.1	1,640	0.0	0.3	..
Espanha	46,771,341	6,283,712	13.4	116,710	0.2	1.9	..
EUA	313,094,549	44,708,963	14.3	177,431	0.1	0.4	..
França	64,933,400	5,605,167	8.6	592,281	0.9	10.6	3.*
Holanda	16,829,289	1,818,497	10.8	16,054	0.1	0.9	..
Irlanda	2,033
Itália	59,685,227	4,387,721	7.4	7,023	0.0	0.2	..
Luxemburgo	512,400	205,162	40.0	60,897	11.9	29.7	1.*
Macao (China)	552,503	326,736	59.1	1,835	0.3	0.6	..
Mozambique	20,252,223	342,117	1.7	3,767	0.0	1.1	..
Noruega	5,165,802	759,185	14.7	2,560	0.0	0.3	..
Reino Unido	62,605,000	7,780,000	12.4	107,000	0.2	1.4	..
Suécia	9,747,355	1,603,551	16.5	3,457	0.0	0.2	..
Suíça	8,139,631	2,289,560	28.1	211,451	2.6	9.2	2.*
Venezuela	27,150,095	1,156,578	4.3	37,326	0.1	3.2	..

Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

Gráfico 5: Nascidos em Portugal residentes no estrangeiro, principais países destino da emigração, 2014 ou último ano disponível.



Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

1.6. Aquisição de nacionalidade suíça

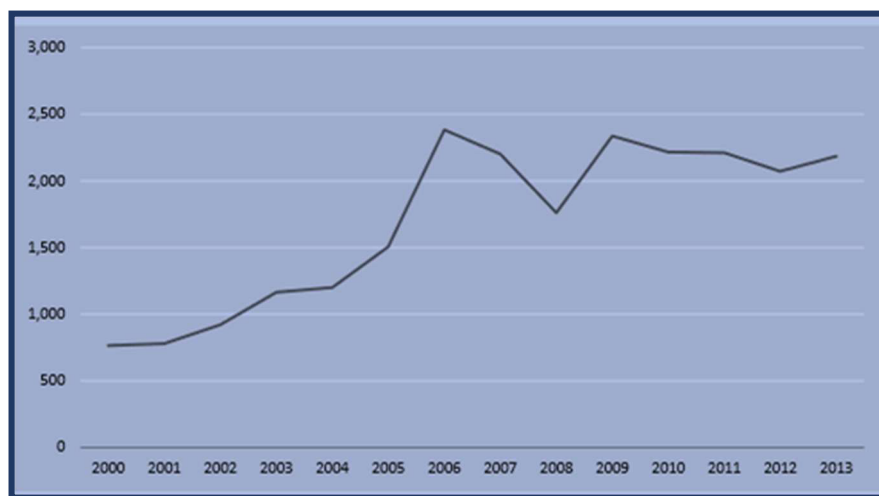
O número de portugueses que em 2013 adquiriram a nacionalidade suíça totalizou 2,184. O número situa-se assim, acima das mil aquisições de nacionalidade por ano a partir de 2003 e acima das duas mil desde 2009, o que exprime o crescimento dos portugueses emigrados neste país. É de salientar que a Suíça é o segundo país onde a aquisição de nacionalidade por parte dos emigrantes portugueses é mais solicitada. (Ver Tabela 5 e Gráfico 6).

Tabela 5: Aquisição de nacionalidade por portugueses residentes na Suíça, 2000-2013.

Ano	Aquisições de nacionalidade totais		Aquisições de nacionalidade por portugueses		
	N	Taxa de crescimento anual (%)	N	Em percentagem das aquisições de nacionalidade totais	Taxa de crescimento anual (%)
2000	28,700	..	765	2.7	..
2001	27,583	-3.9	779	2.8	1.8
2002	36,515	32.4	920	2.5	18.1
2003	35,424	-3.0	1,165	3.3	26.6
2004	35,685	0.7	1,199	3.4	2.9
2005	38,437	7.7	1,505	3.9	25.5
2006	46,711	21.5	2,383	5.1	58.3
2007	43,889	-6.0	2,201	5.0	-7.6
2008	44,365	1.1	1,761	4.0	-20.0
2009	43,440	-2.1	2,336	5.4	32.7
2010	39,314	-9.5	2,217	5.6	-5.1
2011	36,012	-8.4	2,211	6.1	-0.3
2012	33,500	-7.0	2,071	6.2	-6.3
2013	34,061	1.7	2,184	6.4	5.5
2014

Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

Gráfico 6: Aquisição de nacionalidade por portugueses residentes na Suíça, 2000-2013



Fonte: Relatório de estatística-Observatório da emigração de 2014

1.7. Redes sociais e Emigração

As redes sociais, sistemas vivos e dinâmicos, constituem uma prática humana muito antiga. Porém, com as Tecnologias de Comunicação e Informação digitais, em particular com a Internet, o conceito de Rede social assume novos significados e novas dinâmicas.

Nas ciências sociais e humanas, as redes e as teorias a elas associadas⁷ permitem interpretar uma vasta panóplia de fenómenos sociais dos mais diversos domínios do saber. “tem sido utilizado de diferentes modos e sentidos, referindo-se metaforicamente a uma conceção de sociedade construída e alicerçada por redes de relações quer interpessoais quer intergrupais” (Fialho, 2014, p.11). Ancorada na Antropologia Social, a génese do conceito Rede⁸, remete-nos para a análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco teorizadas por Claude Lévi-Strauss, na década de 40 do século passado (Fialho, 2014, p.11).

Este enredo de relações, ou seja, redes sociais “naturais ou tradicionais” representam a estrutura construída por uma teia de relações e interações interpessoais ou

⁷ Teoria do ator-rede (TAR) consiste numa abordagem do estudo das relações entre humanos e não humanos oriunda das pesquisas sociológicas sobre a ciência natural e a pesquisa científica, popularizada pelo francês Bruno Latour (1993, 2005 *apud* Giddens, 2007:921-922).

⁸ *Lato sensu*, o conceito de «Rede Social» remonta ao final do século XIX, em concreto, aos teóricos Ferdinand Tönnies (1887) e Émile Durkheim (1893).

intergrupais (famílias, pequenos grupos ou comunidades). Esta “*teia*” representa os laços humanos (de sangue ou de parentesco) ou vínculos sociais (amizades, trabalho, comunitários) entre os indivíduos, tornando-os parte integrante da rede, ou seja, da comunidade. As redes sociais naturais ou tradicionais são limitadas na sua dimensão e na sua abrangência.

Na contemporaneidade, o conceito de Rede alcança uma heterogeneidade de usos e polissemia. A Rede, o complexo padrão de interligação planetária a que chamamos globalização, assume não só a forma de várias redes que se constituem com diferentes propósitos, âmbitos escalas e níveis de integração (Carmo e Simões, 2009, p.18) como também, uma dinâmica descrita e explicativa dos diferentes fenómenos e contextos sociais atuais (Fialho, 2014, p.9). Ratificando Barney (2004), na sua essência, uma rede é constituída por nódulos, laços e fluxos (Barney, 2004 apud Carmo e Simões, 2009, p.19). “Um laço liga um nódulo, pelo menos, a outro. O fluxo representa aquilo que circula entre nódulos através do laço. Por seu turno, é a junção específica das qualidades destes três elementos - nódulos, laços e fluxos - que criam uma rede. Por último, cada nódulo, laço e fluxo apresenta determinadas características que combinadas produzem o carácter de determinada rede” (Carmo e Simões, 2009, p.19). Na sociedade em rede, defendida por (Castells, 2011) as Redes: “(...) constituem a nova morfologia social das nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em rede tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social.” (Castells, 2011, p.497)

Stephen Castles, no seu livro *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios* (2005), diz-nos que os investigadores orientados para o estudo das migrações falavam de “cadeias migratórias”, nos anos mais recentes, são as “redes migratórias” e os modos como estas se desenvolvem através do estabelecimento de laços entre as comunidades nos países de origem e nas áreas de destino que são alvo de destaque.

Como refere o autor, os movimentos migratórios, depois de iniciados, tornam-se processos sociais autossustentados.

As redes assentes em laços familiares ou de amizade (conterrâneos) proporcionam uma ajuda útil para arranjar abrigo, trabalho, facilitação nos processos burocráticos. São as redes sociais que tornam o processo migratório mais seguro e facilitado para as migrantes e respetivas famílias.

Torna-se frequente, entre os autores que se debruçaram a destrinçar os processos migratórios, o surgimento de perspectivas diferentes com o intuito de melhor explicar o processo social das migrações (Massey *et al.* (1987).

Assim, e não variando muito no que respeita ao processo migratório, independentemente do país de origem, também os portugueses se apoiam nas redes sociais que dispõem para minimizar os riscos latentes e inevitáveis no decorrer deste trajeto de vida. Neste sentido, importa realçar a concentração de migrantes num determinado destino e a relevância destas redes sociais como contributo primário para a escolha em si, de um local em detrimento de outro.

Estas redes, transmutam por sua vez os emigrantes, que carregam consigo as suas identidades que se amotnam no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com outros grupos de migrantes. Entende-se assim, que os princípios de identidade do país de origem são levados, negociados e reconstruídos no contexto de migração, ao invés de um “*transplante*” coletivo, há uma recriação seletiva de laços sociais (Tilly 1990, p.86).

Os argumentos teóricos de Massey, Tilly e Boyd, solidificam a importância das redes sociais na articulação dos processos migratórios, reforçando a importância da solidariedade no interior dos grupos migratórios como sendo uma das características que esculpem e sustentam as redes.

Estas “*redes sociais*” possibilitam ao migrante recém-chegado não só assentar e organizar-se como também apoiar nas necessidades básicas como a habitação, a alimentação, a procura de trabalho e outras informações relevantes. No acesso ao mercado de trabalho, estas redes sociais constituem uma prática comum de recrutamento informal de emigrantes portugueses (Marques, 2008, p.308).

Contudo, estes mesmos autores denotam uma certa ambiguidade nessas relações, pois a própria dinâmica da migração denuncia que os laços familiares, de amizade e origem comum são também mediados não poucas vezes, por conflitos e *mau viver*, a competitividade...inerente à condição humana.

As redes sociais espelham, portanto, os processos migratórios contemporâneos, multidisciplinares, no que toca às relações sociais, quer seja no país de origem, bem como no país de acolhimento, onde se verifica que os migrantes mantêm múltiplas relações tanto na sociedade de destino quanto na de origem.

1.8. Antes e depois das novas tecnologias

Nos tempos que antecederam às Tecnologias de Informação e Comunicação, a emigração estava mais circunscrita ao contato telefónico ou por carta, sendo estes os únicos recursos disponíveis para manterem a ligação às suas origens e às suas famílias.

As TIC metamorfosearam a forma de comunicar com o outro, multiplicando as possibilidades no sentido de uma interação em tempo real e sem quaisquer limites geográficos bem como, contribuíram para o contato intercultural, alargando os horizontes, quebrando as barreiras nacionais e culturais, potenciando o contato permanente com o mundo inteiro.

A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação, traz consigo a necessidade de melhor compreender o seu papel, enquanto fator integrador no processo de emigração.

Assim, adquirirão um papel fundamental, tornando possível a diversificação, potenciando a interação e comunicação regular entre o migrante e os seus familiares que ficaram no país de origem.

Através dos novos meios tecnológicos foram atenuando a distância física criando assim o sentimento de estar em casa, mesmo que longe da mesma, concedendo aos migrantes a possibilidade de estarem “presentes” no dia a dia dos seus familiares conferindo-lhes um sentimento de proximidade.

O desenvolvimento do ser humano, a necessidade de acompanhar a evolução tecnológica, criou no emigrante uma nova forma de comunicar com a sua pátria, com os seus familiares que estão no seu país de origem, transformando-se qualitativamente para a melhoria na sua condição de vida.

A melhoria nos transportes e na comunicação entre países, assim como os avanços tecnológicos e científicos, em finais do século XX, inícios do século XXI, designadamente as novas tecnologias de comunicação, tiveram o papel importante na promoção da proximidade entre culturas. “No momento em que estamos, segunda década do século XXI, parece claro que as TIC têm um papel fundamental e renovado nas trocas culturais” (Lopes, Jesus, Lima, Bueno, & Santos, n/d, p. 4).

De realçar que, a evolução dos computadores, as comunicações móveis sem fios, os programas de software mais desenvolvidos e a internet, trouxeram às populações mais acesso à informação, atualizada e em tempo real, bem como a proximidade entre os indivíduos (Oliveira, 2011).

Dado que a informação é transmitida no momento exato em que se processa, independentemente onde esteja a ser consultada “A troca de informações é praticamente instantânea para quase todos os lugares do globo (...) a relação entre o próximo e o distante, contudo, é variável. A tecnologia deforma a grade espacial” (Lopes *et al.*, n/d, p.4).

A proximidade, ainda que virtual, criada aos indivíduos imigrantes pela uso das novas tecnologias entre o país de origem e o país de acolhimento, transmite-lhe a sensação de que se encontra inserido nos dois países, ou seja, embora distanciado fisicamente do país que o viu nascer, encontra-se em contato permanente com o mesmo, tal como corroborado por Oliveira (2011) “...pois possibilita a este “novo migrante do século XXI” estar e participar efetivamente de dois mundos: o seu de origem e o destino de sua trajetória de imigração” (*Ibid.*, p.5).

Ao longo dos tempos, a relação entre os imigrantes e as tecnologias de informação e comunicação tem sido estudada, na tentativa de se perceber de que modo a mesma é utilizada pelos imigrantes e o que representa na sua vida, para a melhoria de condições da mesma.

A ideia de que as TIC, podem ter efeitos contraditórios, ainda prevalece de alguma forma para os mais céticos, ou seja, de um lado aproxima e atenua a distância física de um lugar ou pessoas e pode contribuir para a integração, mas por outro lado ainda se questiona se a promoção das mesmas possa remeter para o isolamento.

Apesar das dualidades de entendimento teórico, as TIC são consideradas como uma das ferramentas mais usadas e indispensáveis da nova era que ajuda e encurta as distâncias, facilitando contato espaço/temporal entre a comunidade migrante e o país de origem, independentemente do país em que se encontrem, são eleitas pelos imigrantes como principal ferramenta, pois permitem uma troca regular de informações e notícias do seu país de origem, atenuando as distâncias geográficas, contribuindo para assegurar proximidade ainda que virtual, no sentido de preservar os laços afetivos entre as comunidades separadas, a memória coletiva e a identidade.

As tecnologias de informação e comunicação têm contribuído para a transformação da vida dos indivíduos, no sentido de aprendizagem e interação, independentemente das distâncias geográficas, são tidas como ferramenta de relevo na integração individual e coletiva. Nesta aceção, já não restam quaisquer dúvidas de que as novas tecnologias têm cada vez maior influência na sociedade atual, pelo que a sua

evolução progressiva no quotidiano dos indivíduos se transformou numa busca constante de resposta às necessidades inerentes da condição de emigrante.

O caso concreto da internet, a mesma veio modificar a forma como se comunica com o outro, pois existem múltiplas formas de o fazer, permitindo uma interação em tempo real e livre de quaisquer barreiras geográficas e permitindo um contacto intercultural (Kluzer, Hache & Codagnone, 2008).

Com a internet diversificaram-se as possibilidades de interação e de comunicação regular entre o imigrante e os membros da família que ficaram no país de origem, através de emails, de aplicações de Messenger, blogs e sites particulares, utilizando como recurso as webcams, Face time, WhatsApp, aumentando a quantidade de mensagens trocadas com os familiares. Os meios tecnológicos e políticas de baixa de preços nas chamadas internacionais com pacotes de comunicação mais acessíveis, os migrantes acompanham o dia a dia dos seus familiares conferindo-lhes, a uns e outros, um sentimento de proximidade, atenuam-se as distâncias, promovendo um sentimento de estar em casa, ainda que longe.

Considerando que, cada vez mais as novas tecnologias são necessárias e utilizadas pelos migrantes, houve necessidade por parte dos países em adequar a sua legislação face à atualidade digital. Deste modo, e no caso específico de Portugal houve o cuidado em adotar várias medidas no âmbito das novas tecnologias. Nesse sentido, as iniciativas promovidas em Portugal passaram pela promoção da inclusão social, tomando como medidas o combate à exclusão digital e a promover o acesso aos grupos excluídos e/ou em risco de exclusão às novas tecnologias. De forma a tornar possível o acesso a toda a população, quer fossem carenciados, quer fossem pessoas com necessidades especiais e/ou de fraca mobilidade, quer fossem imigrantes e nesta linha de atuação foram criados espaços de internet, com acesso gratuito a computadores multimédia e internet, em que os indivíduos podem aceder a serviços públicos eletrónicos, procurar emprego, adquirir competências de alfabetização, certificação e lazer de modo a sentirem-se incluídos na sociedade que os acolheu (Kluzer *et al.*, 2008).

O ambiente político e económico são fatores centrais no processo emigratório definindo e condicionando a maior parte das vezes este contexto, no entanto a afetividade e as relações interpessoais de família e amigos e conterrâneos, afigura-se vital no manter dos laços e proximidade familiar cultivando as relações sociais, para que se possam transcorrer e melhor superar as vicissitudes decorrentes do afastamento físico e

geográfico, inerente à emigração encurtando assim as distâncias, que por si só, se revelam nefastas no seio sócio-afetivo (família).

As múltiplas abordagens teóricas feitas sobre a migração demonstram premência de se problematizar as análises confinadas aos conceitos económicos nos quais os migrantes aparentam ser indivíduos que operam desligados de relações sociais, direcionando assim, para a importância de se analisar as redes sociais no processo migratório. Segundo Boyd (1986), a utilização das redes sociais não é uma novidade na pesquisa sobre a migração, refletindo-se no processo migratório a importância de redes de migração, bem como o papel que os familiares e amigos desempenham no seu percurso, assim como no fornecimento de informações e auxílio no decorrer do todo o processo.

Todavia, os padrões de migração atual e as novas definições da mesma, congregam os interesses na importância da família, amigos e origem comum, que dão suporte a essas redes.

Massey (1990), sociólogo americano, afirma que as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades recetoras. Estes laços unificam migrantes e não migrantes num enredo híbrido de papéis sociais que se tornam complementares e relacionamentos interpessoais alicerçados num panorama informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados.

Segundo Charles Tilly (1990), sociólogo, cientista político e historiador de origem norte-americana, as redes migram; as categorias permanecem e as redes criam novas categorias, dividindo-as em quatro vertentes possíveis:

- a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar.
- b) Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem.
- c). De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce.
- d). Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.

Os processos de migração não são nem individuais nem tão somente familiares, mas sim conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, e experiência de trabalho, que integraram no país de destino as alternativas de mobilidade que daí resultaram. A migração de distância transporta muitos riscos, seja a nível de segurança pessoal, conforto, renda e/ou possibilidade de satisfazer as relações sociais.

Os familiares, amigos, vizinhos, ou até colegas de trabalho testemunham e partilham auspiciosos contatos no país de destino, potenciando assim a confiança nestas redes interpessoais, na tentativa de minimizar os riscos, próprios do emigrante de *primeira viagem*, atenuando os riscos ou a percepção deles.

A teoria dos sistemas migratórios engloba “a interação das estruturas micro (papel das relações sociais informais, da informação, do capital cultural das famílias e das comunidades) com as estruturas macro (economia, política, relações internacionais, direito) e as estruturas intermédias, ou meso, que atuam como intermediárias entre os migrantes e as instituições políticas ou económicas” (Castells & Miller, 2003, p. 28)

2. Metodologia

A metodologia de histórias de vida preocupa-se com o indivíduo e o seu ambiente em toda a específica heterogeneidade, não instaura limitações ou controle que possam ser induzidos ao investigador e em que os conhecimentos vivenciados, definidos pelos atores sociais só são possíveis com a descrição da experiência individual humana de cada percurso de vida. E como defende F. Ferrarotti, “a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.” (1988, p. 26). A entrevista biográfica é, portanto, a ferramenta mais utilizada para o desenvolvimento de análises à escala individual.

Esta investigação assumiu a metodologia qualitativa, com recurso às histórias de vida através das suas trajetórias individuais e cujo objeto de estudo são emigrantes da região do Minho para a Suíça (Zurique), a partir de 2008.

O uso desta técnica de histórias de vida como ferramenta empírica crucial, trata, através da reconstituição de um trajeto biográfico particular que apela a contextos de socialização e de ação múltiplos permitindo-nos, captar o “*património de disposições*” de um indivíduo, a sua pluralidade interna e os seus princípios de (in)coerência, argumentado por Lahire (2005, pp.11-42).

2.1. Histórias de Vida

O conceito de histórias de vida é definido como a experiência de alguém, as suas recordações que pretende exprimir, bem como a natureza da narração através do percurso vivido (Atkinson, 2002, p. 152).

As histórias de vida são entrevistas exaustivas com os atores sociais com o objetivo de obter uma narrativa dos seus percursos de vida. Falar de investigação biográfica não é construir uma história ou uma biografia pessoal com fim terapêutico ou histórico, mas reelaborar uma nova vivência, partindo de fragmentos de vida que nos ajudam a dar um valor único, mas a remeter para a compreensão da realidade comum a todos os atores sociais (Cortes, 2011) comprometidos socialmente com os valores e com as mudanças do seu *habitus*.

Franco Ferrarotti é um dos sociólogos que se destaca no exame dessas questões, razão pela qual se faz uso recorrente das suas análises, especialmente aquelas que apresenta no artigo “Sobre a autonomia do método biográfico” (1988). Para o autor, o

método biográfico apresenta-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social.

Esta é a perspectiva crítica que Ferrarotti defende, o que não necessariamente corresponde aos usos que foram feitos do método biográfico desde que as biografias se tornaram objeto de estudo no âmbito da sociologia. Da revisão que o autor faz sobre "as metamorfoses" do método, convém realçar alguns aspetos que ele considera serem, desvios epistemológicos e metodológicos, pois que comprometem seu valor e especificidade heurísticos. "...o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos" (Ferrarotti, 1988, p. 26). O valor heurístico do método biográfico torna-se então legítimo, não apenas em decorrência deste carácter específico da narrativa, mas, também, porque a biografia é uma micro-relação social.

Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém. Ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa, há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor imaginário, como é o que muitas vezes acontece com os diários íntimos.

Tudo isto se aplica à situação da entrevista, na qual o investigador é quem estimula e recolhe a narrativa. Quem conta a sua vida, não conta a um gravador, mas sim a alguém/indivíduo.

Além disso, a sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. De tudo isto, evidencia-se o carácter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica e, por isso, por mais que se pretenda escamotear, "toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções" (Ferrarotti, 1988, p. 27). Neste sentido, "a especificidade do método biográfico implica ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida (...). Por outras palavras, do mesmo autor: "a especificidade das biografias conduz ao questionamento da assimilação contenciosa de todas as ciências às ciências naturais..." (Ferrarotti, 1991, p. 172).

Desta forma, as histórias de vida como material empírico básico raramente obedecem a uma quantificação dos resultados obtidos, a exploração da informação obtida permite fazer surgir, gradativamente, padrões pela saturação das categorias de análise e pela constatação de resposta das premissas teóricas num conjunto de casos singulares escolhidos através da sua ligação ao fenómeno de estudo. Permite também esclarecer as

variações que continuamente escapam aos métodos estatísticos pela inclusão da dimensão individual e subjetiva do ator na própria análise. Assim sendo, ousaríamos afirmar que se trata de um desses instrumentos metodológicos que, através da reconstituição de um trajeto biográfico particular apela a contextos de socialização e de ação múltiplos, como defende Lahire (*cf.*, 2005, pp. 11-42).

As narrativas podem ser encaradas como procedimentos que permitem ilustrar, não rigorosamente os tipos ideais, ou os tipos exemplares, mas aquilo que são, provavelmente, “os casos reais maioritários”, as “situações médias”, “mistas, ambivalentes”, e o modo como a pluralidade interna do ator, ela própria resultante da multi-determinação social, e a sua pertença a diferentes mundos, contextos ou situações, produzem condições favoráveis à produção de “trajectórias improváveis” (*Ibid.*, pp. 11-42)

2.2. Desenho e tipo de estudo

Este estudo debruça-se sobre a problemática da emigração e foi desenvolvido, tendo em linha de conta a análise dos fundamentos e características históricas da cooperação entre Portugal e Suíça, dando realce à natureza dos percursos da mobilidade de média e longa duração estabelecidos com a Suíça, por parte de emigrantes qualificados ou não qualificados que procuram emprego nas diferentes áreas no país de acolhimento (Suíça).

A *nova diáspora* é, de algum modo, mesmo que ainda muito ténue, o resultado de um fluxo novo que difere dos fluxos anteriores, tradicionais e historicamente marcantes em Portugal. A mobilidade de portugueses para a Suíça tem ganho maior evidência no contexto de crise que se começou a fazer sentir em 2008 e que trouxe consequências desastrosas para Portugal e os portugueses, originando a tão falada *fuga de cérebros*, ou seja, à uma emigração mais qualificada, embora contemple também, e até em grande escala, uma emigração não qualificada. É nesse sentido que urge indagar mais, não só as direções e os processos pessoais e profissionais que constituem a mobilidade, mas também o papel dos media e das redes sociais na construção das motivações de saída, assim como na construção dos modos de relacionamento interpessoal nos contextos de receção.

O projeto pretendeu através de teorias já concebidas, perceber a evolução do curso migratório entre Portugal (Vieira do Minho) e Suíça (Zurique), propondo uma análise da forma como estes fundamentos históricos se refletem nos modos de integração dos portugueses na Suíça, incluindo os discursos e as narrativas biográficas (histórias de vida). O campo de estudo confronta assim, literatura sobre emigrantes portugueses qualificados/ não qualificados e os fluxos migratórios para a Suíça, literatura sobre as dimensões históricas e culturais, artigos de jornais nacionais e internacionais, que abordem a temática das políticas associadas a este relacionamento. A elaboração deste trabalho implicou a estadia em Portugal e fases de estadia na Suíça, mais concretamente, em Zurique.

2.3. População e amostra

Após uma revisão exaustiva da literatura, pesquisa documental e construção de hipóteses de pesquisa sobre o tipo de variáveis, no sentido de destrinçar os contributos dos diversos estudos existentes para compreender este tipo de mobilidade constatada, sobretudo a partir de 2008 em direção Zurique (Suíça) e que se situa no contexto da crise económica em Portugal. Considerou-se como população alvo deste estudo, os emigrantes suíços naturais de Vieira do Minho. Constituiu-se uma amostra não probabilística de conveniência com recurso à técnica de *snowball*.

O uso do método qualitativo com recurso a histórias de vida permitiu o contacto direto e pouco formal com os interlocutores, possibilitando que a conversa decorresse num contexto e ambiente descontraído, e de forma flexível. Foram selecionados dez indivíduos, da região de Vieira do Minho, que emigraram para a Suíça (Zurique), a partir de 2008, consoante as dimensões que pretendi desenvolver neste estudo (qualificados e a trabalhar na área, com sucesso, qualificados que não trabalham na área, com/sem sucesso, não qualificados, com sucesso, não qualificados sem sucesso), com o intuito de questionar acerca das motivações/necessidade que os levaram a sair de Portugal, das principais dificuldades na adaptação e integração ao país de destino (se existem ou não) bem como perceber-se a ideia e/ou planificação, acerca de um regresso a Portugal ou de uma instalação duradoura no país de acolhimento.

Nesse sentido, foi previamente elaborado um guião das entrevistas, do tipo semiestruturado, com questões semi-diretivas, para garantir que os entrevistados respondessem às perguntas, no sentido de se obterem dados, que foram posteriormente tratados em interpretação.

2.4. Método de recolha de dados

As entrevistas foram gravadas em áudio e via email, de modo a poderem ser editadas e tratadas na modalidade de documentário, que versa sobre as perceções da “nova diáspora” face à “velha diáspora”, amplamente estudada.

A análise da informação e a sua classificação foram realizadas através da técnica de análise de conteúdo, tendo em consideração conjunta a análise de discurso, dada a relevância de algumas dimensões especialmente ligadas com a interpretação, sentidos e interesses dos atores envolvidos.

Nesta etapa procedeu-se ao confronto das várias informações recolhidas, apresentando perspetivas comparativas entre vários discursos, de modo atingir os objetivos previamente traçados para o projeto.

2.5. Método de análise de dados

A delimitação do grupo de informantes privilegiados a considerar, foi estabelecida mediante os objetivos definidos, construção do guião e realização das entrevistas semi-diretivas, visando recolher os discursos dos atores sociais intervenientes, sobre o fenómeno em estudo.

Estas entrevistas, além de permitirem a recolha de dados históricos e a análise dos reportórios interpretativos desses atores sociais a respeito desta nova *leva* de portugueses emigrarem para este país, facultam também o acesso a informação relevante a respeito do número de pessoas em mobilidade e/ou emigração, contribuindo para a definição da amostra de emigrantes na Suíça, em Zurique, a considerar na fase seguinte.

As entrevistas foram realizadas em Portugal e na Suíça, utilizando na medida ajustada, *Face time*, *email* e o *Skype*, devido a questões de distância e temporais.

O estudo das trajetórias aprofundado, foi realizado através de entrevistas semi-diretivas e de histórias de vida, a uma amostra previamente selecionada de emigrantes portugueses de Vieira do Minho, com estadia de média e longa duração em Zurique (Suíça).

Neste processo, seguem-se os critérios de amostragem teórica e por conveniência, atendendo à dificuldade que se prevê em identificar de forma oficial estes casos. Recorreu-se, por isso, a alguns meios de identificação, para além dos informadores privilegiados, como por exemplo associações de portugueses na Zurique (Suíça).

As entrevistas permitiram a caracterização das trajetórias de vida dos entrevistados para esta cidade e neste país, por meio de informação sobre cada indivíduo, e a recolha e sistematização de dados com incidência nas motivações de mobilidade, com intuito de perceber as vantagens e impactos, assim como o tipo de relacionamentos que mantêm atualmente com Portugal.

A tabela que se segue foi construída no sentido de expormos as dimensões de análise da entrevista, em conformidade com as questões em resposta aos objetivos.

Tabela 6: Dimensões de análise da entrevista.

Dimensões	Questões/Perguntas	Objetivos
<i>I - Informação Pessoal</i>	1.Dados Biográficos: País, região de origem, área de residência, Idade, género, estado civil [Casado/Solteiro/outro] (se o cônjuge é português ou do país de destino), nacionalidade, agregado familiar, profissão e nível de escolaridade.	<ul style="list-style-type: none"> - Verificar o contexto espaço-temporal do entrevistado. - Definir diferentes grupos de emigrantes que se deslocaram da região do Minho para Zurique.
<i>II- Percurso migratório</i>	<p>2. Falar sobre o percurso de vida do emigrante, o que o levou a emigrar e a forma como vivencia esta condição de ser emigrante.</p> <p>2.1. Qual o ano em que decidiu emigrar? Porquê?</p> <p>2.2. O que a motivou a emigrar? (Que razões o/a levaram a emigrar?)</p> <p>3. Como sentiu a crise em Portugal? Como e até que ponto foi afetado pela crise em Portugal?</p> <p>3.1. Quando se apercebeu da crise financeira? De que forma?</p> <p>3.2. Como sentiu a crise e o que ela representou, nessa altura em que emigrou?</p> <p>3.3. Como encarou a decisão de emigrar? E os seus familiares, como reagiram?</p> <p>4. Como teve conhecimento do país de destino?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os motivos que estiveram na origem da decisão de emigrar; -Identificar as dificuldades com que se deparam os emigrantes nesta cidade; - Perceber o estado de ânimo em relação à distancia de familiares e amigos, bem como uma nova realidade linguística; -Perceber a importância de encontrar um trabalho; -Identificar as vantagens e desvantagens em ser emigrante, relacionando a sua vida atual versus anterior;

Dimensões	Questões/Perguntas	Objetivos
	<p>5. Que contatos teve e com quem?</p> <p>6. Que apoios teve no seu percurso de emigração?</p> <p>7. Como foi planeado o percurso de Portugal para a Suíça?</p> <p>8. Veio sozinho/a ou não?</p> <p>9. O que mais o/a atraiu à Suíça e à cidade de Zurique?</p> <p>10. Fale-me da sua emigração e da emigração dos seus pais e familiares. Quais as diferenças ou semelhanças?</p>	<p>-Caraterizar a sua vida em várias vertentes: profissional/emocional, familiar e remuneratória;</p> <p>- Perceber se a motivação de fixação no país de acolhimento é uma hipótese a ponderar ou se ainda se mantém o desejo de regresso a Portugal no futuro.</p>
III- Situação Social e profissional	<p>11.Qual a sua situação profissional?</p> <p>12.Qual a sua profissão atual e anterior(es) (incluindo a do país de origem)?</p> <p>13.Como obteve o primeiro emprego na Suíça?</p> <p>14.Como obteve o atual emprego?</p> <p>15.Como se sente com o atual emprego?</p> <p>16.O que pensa da remuneração que auferi? Considera a remuneração adequada?</p> <p>16.1. A que apoios recorre ou já recorreu na Suíça (que instituições)?</p> <p>16.2. Quais as habilitações académicas que possui e qual a compatibilidade com a sua atual profissão?</p>	<p>- Refletir sobre o modo de vida do entrevistado;</p> <p>- Perceber o modo como encara o futuro, hoje, e se acha que poderia ter feito diferente, com esta distância(temporal), mediante a sua decisão de emigrar.</p> <p>- Descobrir os anseios, medos e expectativas, perante o desconhecido;</p> <p>- Verificar as diferenças entre o sonho e a realidade;</p>

Dimensões	Questões/Perguntas	Objetivos
	<p>16.3. Fale-me sobre o seu percurso profissional na Suíça desde o seu primeiro emprego.</p> <p>16.4. Fale-me da forma como sente que é tratado no seu local de trabalho, enquanto emigrante?</p>	<p>- Entender quais os desejos do entrevistado, mediante o que espera do seu futuro próximo relativamente a si, face às suas escolhas em termos de realizações profissionais/familiares.</p>
IV- Integração na sociedade Suíça e convivência com os suíços	<p>17.Fale-me sobre a sua integração social no país a nível pessoal e familiar (principais passos tomados, nomeadamente na língua)?</p> <p>18.Fale-me das principais dificuldades de integração?</p> <p>19.Sente-se (ou já se sentiu) discriminado/a de alguma forma?</p> <p>20.Como você próprio e a família estão a lidar com a sua estadia/integração na Suíça?</p> <p>21.Fale-me das vantagens em ter emigrado para a Suíça(Zurique)?</p> <p>22.Quais as diferenças culturais entre Portugal e a Suíça, e como lida com as mesmas?</p> <p>23.Procura preservar traços culturais do seu país? Como?</p> <p>24.De que forma é que pode legalmente, estar a trabalhar na Suíça? Quais são os requisitos? Como fez para conseguir a legalidade/residência?</p>	<p>- Entender de que modo o entrevistado define a sua vida</p> <p>- Verificar a diversidade de momentos existentes no decorrer dos anos e experiência</p> <p>- Perceber o estado de espírito do entrevistado face à sua vida fora da sua pátria</p> <p>-Perceber se a sua integração nesta cidade foi fácil.</p> <p>-Perceber se o entrevistado é feliz neste país.</p> <p>- Compreender a importância e trauma a nível afetivo causado pela distância</p>

Dimensões	Questões/Perguntas	Objetivos
	<p>25. Identifica-se cultural e socialmente, mais com Portugal ou com a Suíça? E os filhos (caso se aplique)?</p> <p>26. Sente-se mais suíço ou português?</p> <p>27. A língua portuguesa é para vocês fundamental mesmo num país de língua diferente?</p> <p>27.1. Acha importante que os seus filhos aprendam português? Porquê?</p> <p>27.2. O que é para si ser emigrante em terra de suíços?</p> <p>27.3. Que representação faz de si próprio, enquanto emigrante?</p> <p>27.4. Fale-me um pouco sobre quem era o/a Sr.(a) antes de ter emigrado e quem é o/a Sr.(a), depois de ter emigrado? (identidades e representações de si próprio diferentes?)</p> <p>27.5. De que forma julga que as redes sociais afetam a identidade dos emigrantes?</p> <p>27.6. Que perceção tinha sobre a emigração e que perceção tem agora?</p> <p>27.7. Se lhe pedisse para caracterizar os emigrantes portugueses na suíça o que diria? Existirá um perfil próprio? Como o descreve?</p>	<p>- Perceber se o entrevistado se sente discriminado;</p> <p>- Verificar se o entrevistado consegue lidar e encarar a emigração como um mal necessário, ou se sente que foi uma mais valia para a sua vida</p>

Dimensões	Questões/Perguntas	Objetivos
	27.8. Se fosse um suíço nativo, como descreveria um emigrante português?	
V- Considerações pessoais relativamente a matérias de natureza política, social e económica de Portugal	<p>28.Qual a sua opinião sobre o impacto da emigração portuguesa, nas famílias, na sociedade e para Portugal?</p> <p>29.Como vê a situação atual de Portugal;</p> <p>30.Qual a sua opinião relativamente à União Europeia e suas políticas de e/imigração;</p> <p>31.Qual a sua opinião relativamente à posição de Portugal e do Estado português, no que concerne às políticas sociais desenvolvidas na questão da emigração; outras matérias.</p> <p>32.Que relações mantém com Portugal?</p> <p>33.Institucionais ou particulares? Fale-me um pouco dessas relações.</p> <p>33.1. Quando tem por habito visitar Portugal e com que frequência?</p> <p>33.2. Tem saudades de Portugal? De quê? (se sim). Como lida com isso?</p> <p>33.3. Se lhe perguntasse qual é a sua terra, o que respondia?</p>	<p>- Perceber as aspirações que o entrevistado tem para o seu futuro</p> <p>- Compreender se existem parcelas da vida do entrevistado que possam ter escapado/sobreposto ao relato da sua história de vida e decurso de entrevista</p>

Dimensões	Questões/Perguntas	Objetivos
	<p>33.4. Fale-me da forma como é tratado pelos Portugueses, enquanto emigrante?</p> <p>33.5. Pensa regressar para Portugal?</p> <p>33.7 Como vê o futuro dos portugueses que regressam a Portugal?</p> <p>33.8. Se voltasse atrás no tempo emigraria?</p> <p>33.9. Que aspirações tem para o seu futuro e da sua família?</p> <p>33.10. Se pudesse pedir 3 desejos (em relação ao seu futuro), quais seriam?</p> <p>Apesar de tudo, sente-se feliz?</p>	

3. Análise e discussão dos resultados

3.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

O perfil sociodemográfico dos entrevistados originários de Vieira do Minho, a residir em Zurique.

Esta amostra é constituída por dez pessoas emigrantes portuguesas, com as idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos, existindo uma maior predominância de pessoas do sexo feminino sobre o masculino de 7 mulheres para 3 homens.

O estado civil e agregados dos entrevistados é: E1: tem 27 anos é casada e o seu agregado é composto por duas pessoas, E2 : tem 25 anos é solteira e o seu agregado é de três pessoas (pai e mãe), E3: tem 27 anos é solteiro e vive sozinho, E4: tem 41 anos é casada, vive com o marido, E5: tem 25 anos é casado e o seu agregado é composto por quatro pessoas, E6: solteira e vive sozinha, E7: tem 24 anos é solteira e o seu agregado é de três pessoas, E8: tem 20 anos é solteira e vive com o namorado, E9: tem 27 anos é casada e o seu agregado é de três pessoas, E10: tem 29 anos é casado, e o agregado é de três pessoas.

Destes entrevistados, apenas um (E2) está desempregado, três deles (E4, E7 e E8) trabalham nas limpezas, um (E5), trabalha na indústria como pintor, dois deles (E9, E10) trabalham na área comercial, dois (E1, E3) na parte administrativa em empresas e um deles (E6) trabalha na área de Educação Especial numa instituição de pessoas com deficiência. É uma amostra predominantemente com pouca qualificação, sendo apenas dois (E1, E6), os que são licenciados, apenas um (E6) se encontra a trabalhar na área da sua competência. (Tabela 7).

Tabela 7

Caraterização Sociodemográfica dos Participantes (N = 10)

Variáveis Sociodemográficas	Amostra Total (N = 10)					
	<i>n</i>	%	<i>M</i>	<i>DP</i>	mínimo	Máximo
Idade			27,80	5,63	20	41
Género						
Feminino	7	70				
Masculino	3	30				
Estado Civil						
Solteiro	7	70				
Casado	3	30				
Habilitação Escolar						
≤ 9º Ano	6	60				
12ºAno	2	20				
Licenciatura	2	20				
Região/País de origem						
Rural	10	100				
País de acolhimento/área de residência						
Urbana	10	100				
Agregado Familiar (<i>n</i>)						
≤ 2 membros	7	70				
> 2 membros	3	30				

Profissões/Entrevistados	E 1	E 2	E 3	E 4	E 5	E 6	E 7	E 8	E 9	E 10	Total
Desempregado		X									10%
Administrativo	X		X								20%
Pintor					X						10%
Limpezas				X			X	X			30%
Vendedores									X	X	20%
Educação Especial						X					10%

No processo das histórias de vida dos emigrantes, os discursos têm algumas variações ao longo das narrativas consoante a história individual e realidade vivida.

As frases escolhidas permitiram a obtenção dos indicadores para concretização e processo de interpretação de dados. Aqui veremos no contexto geral dos participantes os “indicadores de frequência e os combinados” (Pardal & Lopes, 2011, p.95).

De acordo com os objetivos propostos foi construída a matriz analítica que está em consonância com as dimensões e indicadores produzidos.

A dimensão Motivos da Emigração, constituída pela categoria, crise económica (contendo como subcategorias os fatores objetivos: desemprego e salários baixos em atraso) e a categoria fatores subjetivos e emocionais: sentimento de instabilidade (contendo como subcategorias procura de melhores condições de vida e perspectivas futuras). Nesta dimensão permitiu conhecer-se o perfil social e profissional dos entrevistados, bem como, perceber como se sentem no que diz respeito à sua integração social e profissional na Suíça. “Dificuldade em arranjar emprego” (E8). “Não conseguia emprego... falta de oportunidade na minha área” (E9).

A dimensão Integração na Sociedade Suíça, constituída pela categoria, vivência no mercado de trabalho (contendo como subcategoria as relações profissionais na Suíça) e a categoria vivência societal (contendo como subcategorias relações com os suíços, relações com outras culturas e relações com os portugueses). Esta dimensão possibilitou saber se estas pessoas preservam os tentam preservar traços culturais próprios e perceber como se sentem no que respeita ao contexto sociocultural suíço. “...as condições de trabalho que eu tenho, são boas” (E5). Ou então, “só tenho a agradecer a este país, por tudo o que me proporcionou” (E6).

A dimensão Regresso a Portugal, constituída pela categoria, representações de Portugal (contendo como subcategorias familiares, amigos residentes em Portugal; saudade e ideia de regresso). Por fim, esta dimensão respondeu à perceção da presença de saudades/ ideia de regresso. “Tenho saudades do clima, do sol, do mar...da minha família” (E6). “É o meu país e uma pessoa fica sempre a pensar, fico aqui uns aninhos e depois voltar” (E1). (Ver Tabela 8).

3.2. Análise Temática e unidades de registo

Orientamo-nos pela via da análise de conteúdo patenteada por Laurence Bardin. Desse modo, recorreremos à análise temática e às unidades de registo que, como nos diz a autora, se organiza entre três polos, “A pré-análise; a exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação”, afirmando ainda que, “o importante não é a descrição dos conteúdos das mensagens, mas sim as ideias que elas nos podem transmitir e ensinar, isto é, tentar obter o significado mais puro das mensagens.” (1977, p.121). Assim, a matriz final permitiu-nos proceder à análise e tratamento dos dados que apresentaremos a seguir com os resultados obtidos.

Tabela 8: Matriz de Análise Temática e unidades de registo

Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (<i>n</i> = 10)
Motivos da emigração	Fatores Objetivos: Crise económica em Portugal	Desemprego	<p>“porque estava desempregada em Portugal “(E1)</p> <p>"eu encontrava-me desempregada sem direito a subsídio desemprego"(E6)</p> <p>"Não encontrava trabalho, na minha área" (E7)</p> <p>“Dificuldade em arranjar emprego” (E8) “Não conseguia emprego... falta de oportunidade na minha área” (E9)</p>
		Salários baixos/salários em atraso	<p>“estava empregado, emprego tinha, yo mas o problema era que... não receber ao fim do mês” (E5)</p> <p>“se Portugal num tivesse tudo ido à miséria, nunca tinha passado pela cabeça para emigrar” (E5)</p> <p>"'Após todos os cortes por muito que não quisesse ver era mais do que óbvio"(E6)</p> <p>“Quando o dinheiro faltou para os bens necessários de sobrevivência” (E8)</p> <p>“diziam, pagamos amanhã...depois amanhã, diziam pa semana e era assim” (E10)</p>

Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (<i>n</i> = 10)
	Fatores subjetivos e emocionais: Sentimento de instabilidade	Procura de melhores condições de vida	<p>“Oh, foi à procura de melhores condições de vida, o dinheiro principalmente” (E3) “Por razões financeiras, porque a vida lá em Portugal tava complicada” (E4)</p> <p>“Maior oferta de emprego, melhor salário, melhor nível de vida” (E8)</p>
		Perspetivas futuras	<p>“sinto que aqui posso construir alguma coisa” (E1)</p> <p>“vejo uma perspetiva de futuro diferente” (E2)</p> <p>“Ter uma vida estabilizada a nível de tudo” (E4)</p> <p>gostava “de ter um trabalho como cabeleireira” (E7)</p> <p>“Poder dar ao meu filho melhores condições do que as que eu tive” (E9)</p> <p>“ continuar a ter saúde para criar a minha filha e dar-lhe um futuro melhor” (E10)</p>
Integração na sociedade suíça	Vivência no mundo do trabalho	Relações profissionais na Suíça Condições de trabalho	<p>“Trabalhei num hotel com portugueses...era a minha chefe...foi horrível...fazia todos os trabalhos, não tinha fins de semana” (E2)</p> <p>Eu falo bem o alemão...por isso, estou bem (E3)</p>

Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (n = 10)
	Vivência societal		<p>“Tratam-me bem...não fazem distinção entre empregada de limpeza e eles” (E4)</p> <p>“...as condições de trabalho que eu tenho, são boas” (E5)</p> <p>“só tenho a agradecer a este país, por tudo o que me proporcionou “(E6)</p> <p>“no trabalho...corre bem, eles querem que a gente trabalhe...e a gente trabalha, depois é normal” (E10)</p>
		Relações com os suíços	<p>"Eu dou-me melhor com suíços do que com portugueses..." (E5)</p> <p>"sinto-me bem aqui...custou...mas sim... dou-me bem com os suíços" (E10)</p>
		Relações com outras culturas	<p>"não tenho nenhum problema em relacionar-me com as varias culturas" (E6)</p> <p>"conheci diversas culturas que tanto me fascinam" (E9)</p>
		Relações com portugueses	<p>" Os emigrantes aqui na Suíça, as pessoas aqui, vivem muito a vida deles...antigamente, os emigrantes</p>

Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (<i>n</i> = 10)
			<p>juntavam-se...eu acho que em vez se apoiarem e de unirem, afastam-se" (E4)</p> <p>"é assim, não ligo muito, mas entre os portugueses, é assim, há um bocadinho de inveja uns dos outros...trabalhar juntos, não é bom, não é bom...sempre a calcar uns uns aos outros, uns a falar mal dos outros...a maior parte é assim" (E5)</p> <p>"com os portugueses, só com os amigos e família" (E10)</p>

Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (<i>n</i> = 10)
Regresso a Portugal	Representações de Portugal	Familiares/amigos residentes em Portugal	<p>“Falo com a minha família ...” (E1)</p> <p>“falo com a minha família...primos, tios, avós...” (E2)</p> <p>“Vejo a televisão portuguesa, jogos de futebol...falo com a minha mãe todos os dias...” (E3)</p> <p>“mas tenho a minha família aqui, a minha mulher, não é portuguesa...se fosse antes de ter a minha família aqui...desejo era ter muito dinheiro e Suíça nunca mais” (E5)</p> <p>“tenho saudades da minha madrinha e do meu avô...falo com ela quase todos os dias” (E7)</p> <p>“quero voltar...sim um dia sim...” (E8)</p> <p>“...tenho saudades da minha mãe...a minha vida agora é aqui” (E9)</p>

Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (<i>n</i> = 10)
		A saudade	<p>“sempre que vem as saudades” (E1)</p> <p>“não penso ficar aqui para sempre” (E2)</p> <p>“tenho saudades dos meus filhos” (E4)</p> <p>“Tenho saudades do clima, do sol, do mar...da minha família” (E6)</p> <p>“...tenho saudades...vou lá carregar baterias e...volto” (E10)</p>
		Ideia de regresso	<p>“É o meu país e uma pessoa fica sempre a pensar, fico aqui uns aninhos e depois voltar” (E1)</p> <p>“um dia quero voltar” (E3)</p> <p>“ah, se Deus quiser e não espero estar cá muitos anos...” (E4)</p> <p>“...não pretendo voltar...lá não posso ter a vida que tenho aqui” (E6)</p>

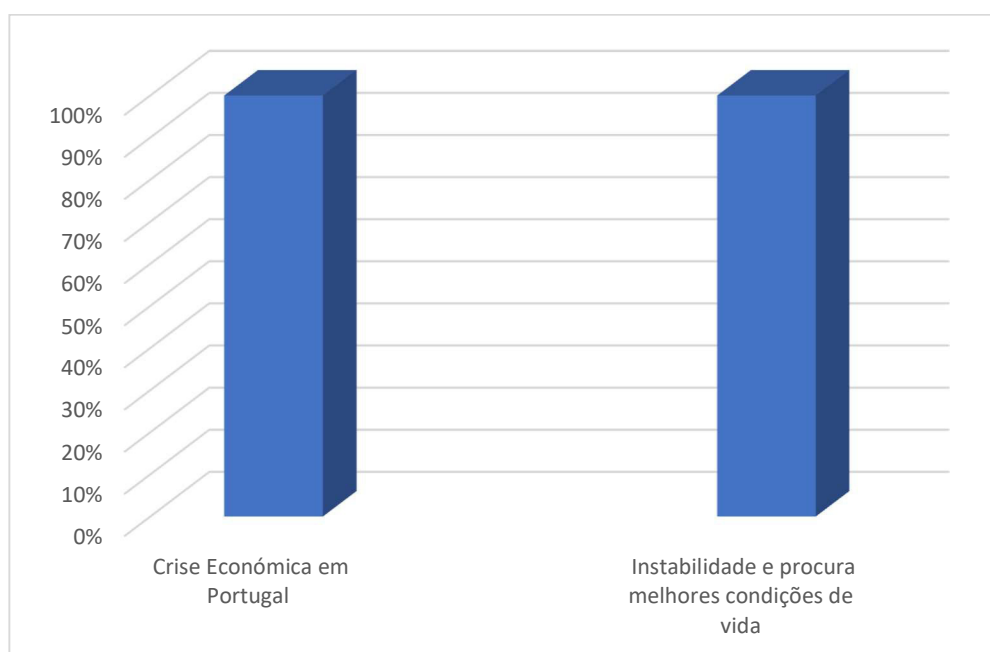
Dimensões	Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Unidades de registo (<i>n</i> = 10)
			<p>“...um dia vou para lá” (E7)</p> <p>“de vez?...não...não acho que não”(E10)</p>

3.3. Análise das entrevistas

Ao longo do trabalho de campo foram recolhidas informações relevantes com recurso a entrevistas semi-diretivas e com base na técnica específica de histórias de vida, sobre a trajetória dos entrevistados. A presente investigação consistiu assim em traçar o retrato ou perfil sociodemográfico e trajetórias de vida através das suas narrativas e das suas histórias biográficas. Colhidas as informações passou-se à fase seguinte, fazendo-se a validação cruzada das diferentes perspetivas recolhidas e das dimensões que se pretendia aprofundar, seguindo-se da discussão e interpretação dos diferentes resultados obtidos.

3.3.1. Motivos da emigração

Gráfico 7: Crise económica, instabilidade e melhores condições de vida



Fonte: Construção própria

Nesta dimensão procurou-se perceber o mote para a nova vaga emigratória de portugueses para a Suíça desde 2008 até aos dias de hoje e verificou-se que está inegavelmente aferrada à crise económica com que Portugal se deparou daí para cá, como referiu o entrevistado (E5), com visível desalento "se em Portugal num tivesse tudo ido à

miséria” bem como, a todos os impactos subsequentes e inerentes à mesma e que afetaram milhares de pessoas, atingindo de uma forma genérica todas as classes sociais.

Portugal viu-se a braços com a falta de emprego, originada por uma recessão económica sem precedentes, ficando sem resposta perante esta geração emergente em idade ativa, jovens com maior qualificação e também com pouca qualificação, é disso exemplo (E6) que nos disse com muita ênfase, ”senti a crise, senti bem a crise...com cortes a todos os níveis” e reforçado pelo (E7) “depois do estágio nunca mais surgiram hipóteses de conseguir emprego”, corroborando que estes efeitos económicos deficitários os obrigaram a tomar medidas drásticas, e emigrar passou a ser encarado como única saída, o mercado de trabalho que -deixou de existir- precaridade laboral, a recibos verdes. Eduardo Lourenço fala desta conjuntura dizendo que: “Todos sabem melhor ainda que a emigração é, simultaneamente, o sintoma e a sanção de um estado de subdesenvolvimento”. (Lourenço, 1978, pp. 118-126). A entrevistada (E6) reforça esta ideia: “tinha trabalhado a recibos verdes... não tive direito a subsídio de desemprego” e a entrevistada (E5) refere a falta de pagamentos dos salários, “a minha empresa começou a ter dificuldades em pagamentos”, fazendo, com tristeza, uma pausa no discurso. A entrevistada (E10) confirma os testemunhos que precedem: “diziam, pagamos amanhã...depois amanhã, diziam pa semana e era assim”. Assim, os emigrantes viram barrados os seus sonhos, os seus projetos de futuro. Contudo, a nova emigração vai para além disso, muito embora estas categorias ameacem confundir-se e até mesmo a fundir-se. A crise foi, portanto, para esta geração aflorante, o crucial motivo desta debanda. Os entrevistados, de uma maneira geral, apontaram este, como sendo o motivo principal para emigrarem. Está bem explícito no discurso da (E1) quando diz que “a minha geração está praticamente toda emigrada”. Giddens (2008) refere que “nos tempos da pós-modernidade, as sensações de inquietude e ansiedade infiltram-se na experiência do dia a dia dos indivíduos” (*Ibid.*, 2008) e no que toca às narrativas que aqui tratamos isso está sem dúvida marcado por todas as emoções vividas por eles mesmos.

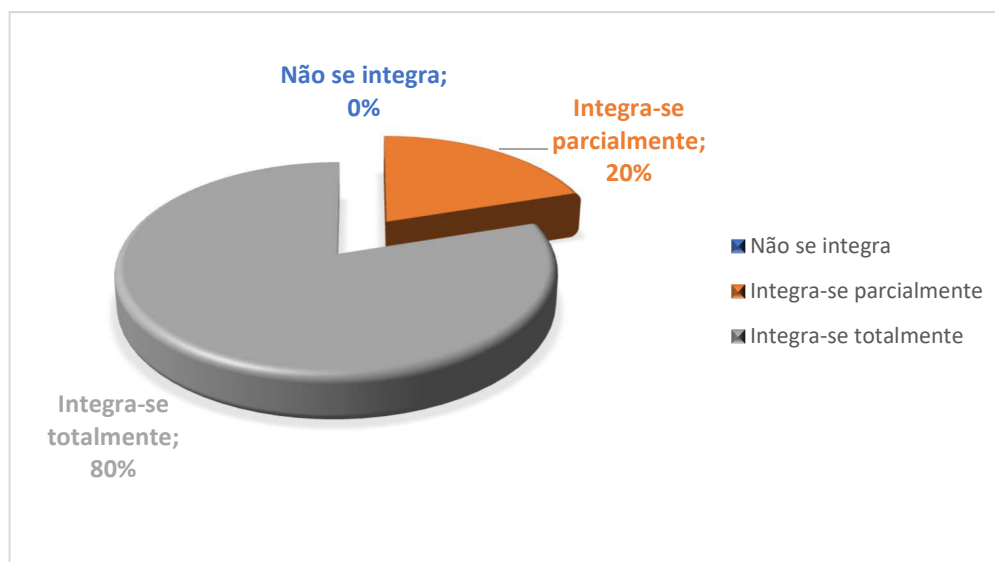
A corrente migratória atual manifesta-se por um acérrimo acréscimo no que toca às pessoas, com especializações ou semi-especializações e que viram gorados todos os seus planos de carreira em Portugal, com está bem patente no discurso da (E1) que diz: ”não tanto para arranjar emprego na minha área, já o desespero por qualquer coisa” a precaridade do trabalho e o desemprego foram como anteriormente falamos, o marco desta “fuga” de pessoas que viveram tempos difíceis em Portugal, anulando as suas

alternativas e expectativas. E o (E4) enfatiza o que atrás foi dito: “...porque a vida lá em Portugal tava complicada”.

Apesar da subjetividade que está subjacente a cada indivíduo nas suas vivências e história de vida, ao longo dos discursos fica claro que a decisão de partida foi, para todos os emigrantes entrevistados, vista como último reduto, dada à conjuntura económica deficitária que o país atravessava. É uma realidade transversal e comum a todos, espelhado nas suas vivências e relatos, que a crise financeira foi o *emblema* do êxodo migratório do séc. XXI.

3.3.2. Integração na sociedade suíça

Gráfico 8: Vivência no mundo do trabalho-Relações/condições profissionais



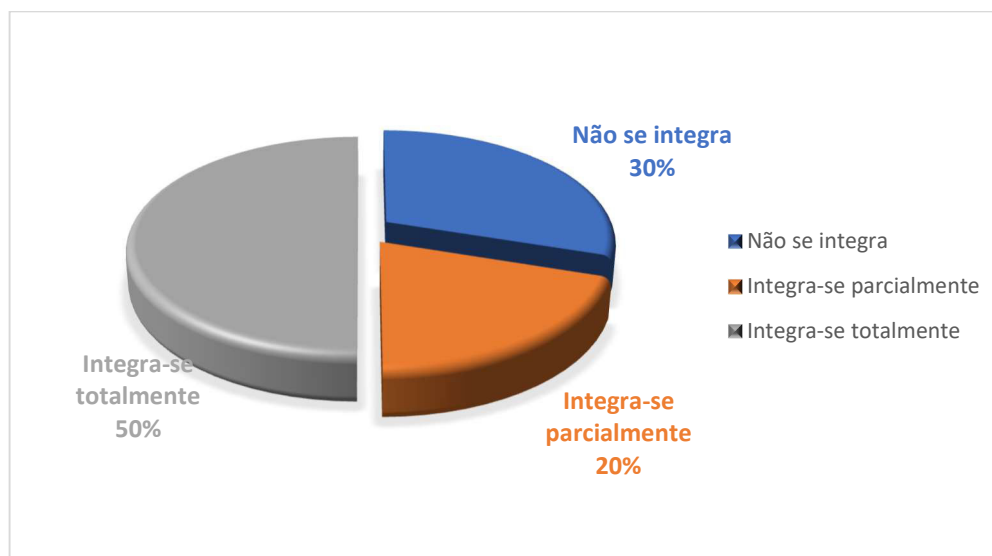
Fonte: Construção própria

Nesta dimensão ficou demonstrado maioritariamente nos discursos dos entrevistados, uma maior apetência no sentido de promoverem e desenvolverem uma maior integração relativamente às relações de contexto laboral no país de acolhimento, aspirando assim, uma vida mais próspera no país de acolhimento. Esta é uma atitude tipificada desde sempre, no que respeita ao emigrante português lá fora, como no-lo disse o entrevistado (E10): “eles querem que a gente trabalhe e a gente trabalha”, esta postura é comungada pela maioria dos entrevistados, interpretando que quanto melhor a relação no trabalho, melhor será a sua vida naquele país.

Os emigrantes entrevistados revelam uma total predisposição à sua integração com a sociedade suíça. Foi um tema amplamente falado e aprofundado nas narrativas dos intervenientes, que remetiam a necessidade de uma melhor integração, como pilar para melhoria consubstancial no seu quotidiano. O (E3) disse que “dou-me bem no trabalho e sou bem tratado”, visão partilhada pelo (E4): “tratam-me sem diferença”. Os intervenientes enunciam a barreira linguística (alemão) como sendo a principal dificuldade neste processo, (E1), (E2) (E4), (E6) (E7) e (E8), e estão a frequentar um curso de alemão, sendo que os restantes já dominam a língua, no entanto são unânimes, este entrave é a base das principais dificuldades quando ali chegam.

Adotam medidas, no sentido de minimizar as dificuldades, sendo que a maioria deles já fez ou está a frequentar curso de alemão e em menor escala estão os que ainda não dominam a língua, devido à sua recém-chegada, contudo, têm em comum o não se resignar nem acomodar a fazer o trabalho possível, intentando sempre a melhoria de condições de vida. Estas pessoas são visivelmente, esclarecidas, ambiciosas e zelosas, não tanto para amealharem, mas para poderem ter uma vida digna e confortável, no país que escolheram para viver e trabalhar.

Gráfico 9: Vivência societal: Relações com os suíços



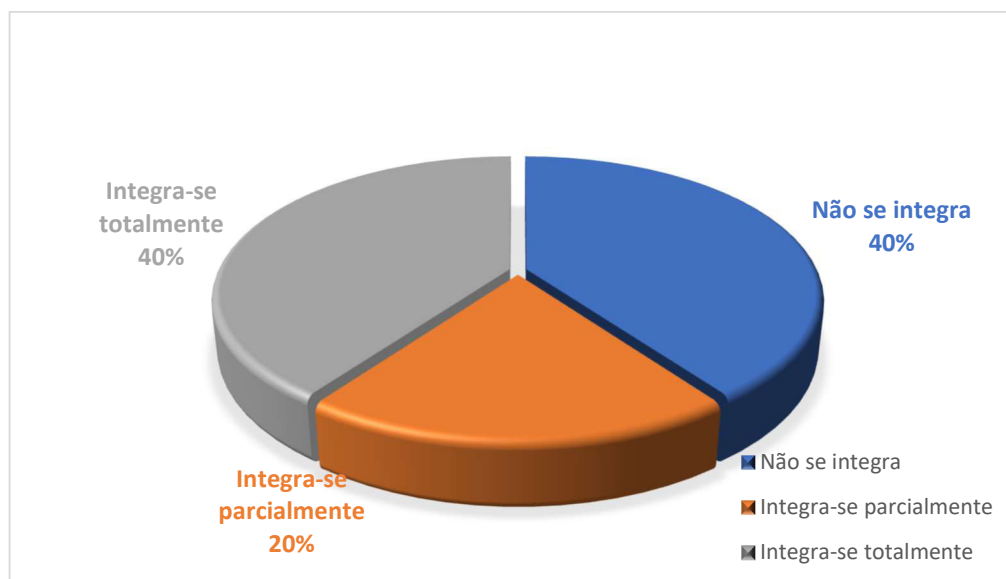
Fonte: Construção própria

Em concomitância com a dimensão anterior e que sai reforçado nos testemunhos desta amostra, constata-se que metade dos entrevistados diz que se sentem mais suíços que portugueses no momento, são um pouco portugueses e um pouco suíços, diz-nos (E5 e E9): “dou-me melhor com suíços” quase que pondo-se em dualidades identitárias

existenciais., ideia defendida por Rabot de que “a mestiçagem das culturas que resulta das diversas migrações...assim como o politeísmo que caracteriza a pós modernidade, são os elementos indispensáveis para aprender o fenómeno universal do “*sincretismo*”, que se aplica a este consequente pluralismo de pertenças identitárias” (2008, p.189). São precisamente estes que se sentem totalmente integrados, observando-se uma propensão ascendente no que toca à ideia pré-definida de viver mais voltado para a comunidade portuguesa emigrada, realçando maior predisposição para a aculturação no país de acolhimento, que não se restringe apenas à integração no trabalho, mas que se estende ao nível das relações, fora dele. Como nos atesta (E5), “neste momento sinto-me mais suíço”. Que neste caso em particular, já constituiu família ali, a sua esposa é de origem suíça/italiana e seus filhos já nasceram na Suíça, deixando perceber que é uma consequência natural esse sentimento dual. Enfatiza o mesmo (E5), “eu quero estar, onde os meus filhos estiverem”.

Nesta amostra existe uma minoria que se diz integrado parcialmente: são aqueles, cuja língua ainda não dominam totalmente, criando-lhes alguns entraves e embaraços no que respeita à vida em sociedade. Aqueles a que respeita a percentagem de não integração, a razão prende-se sobretudo à sua recém-chegada ao país, cujas relações são ainda parcas, circunscritas ao núcleo da família e dos amigos lá emigrados.

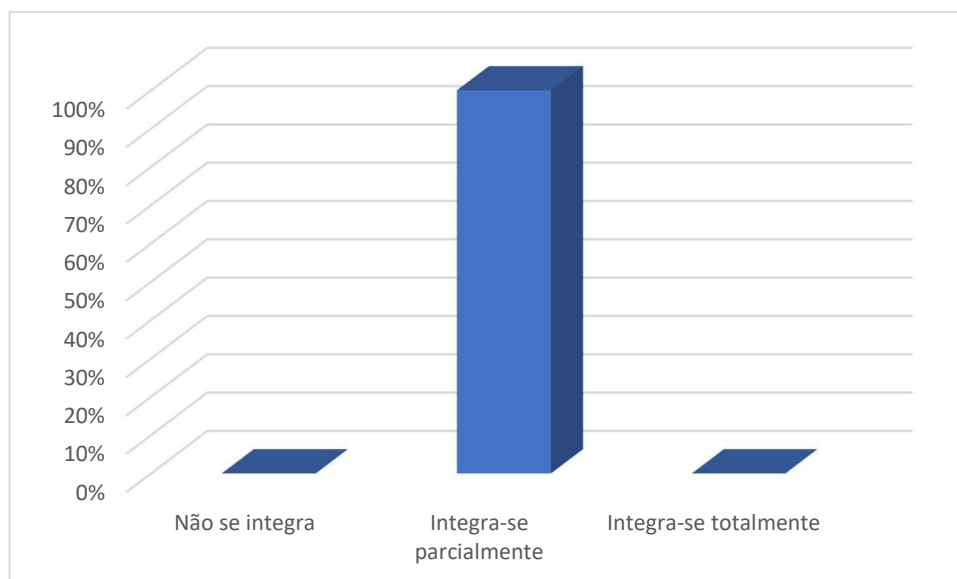
Gráfico 10: Vivência societal: Relações com outras culturas



Fonte: Construção própria

A vivência dos portugueses emigrados com outras culturas revela-se um pouco difusa nas respostas dos intervenientes. Não obstante, 40% deles relaciona-se bem com as várias culturas, não fosse a Suíça um país multicultural por excelência, e estes, serem aqueles cuja a integração no geral é praticamente total. Ao auscultar os seus testemunhos é fácil perceber que são pessoas adaptadas ao país e às suas pluralidades culturais. Stuart Hall confere que, “Em toda a parte, estão emergindo, identidades que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produtos desses complicados cruzamentos e misturas culturais, num mundo globalizado” (Hall, 1992, p. 88). Os 40% que não se relacionam, revelam algum ceticismo nesse contato e uma vez mais apontam a língua como entrave principal, sendo estes uma parte dos emigrantes da amostra em idade mais madura, que não sentem imperante esta sociabilização fora do contexto laboral, pelo menos para já. Os restantes 20% veem essa relação intercultural, como consequência natural em viver num país como a Suíça, procedendo às adaptações necessárias para fazer face aos constrangimentos próprios da integração.

Gráfico 11: Vivência societal: Relações com os portugueses



Fonte: Construção própria

As relações dos entrevistados para com a população portuguesa lá residente é que, e afirmando Gonçalves: “E alguns até parecem incomodar-se menos com o que os conterrâneos deles porventura possam pensar, como se o mundo já se pautasse por novos horizontes” (1996, p. 159). A tendência de décadas e décadas de história sobre a emigração cuja tipologia se centrava na vida em/e para a comunidade, transformando as mesmas em guetos identitários, quase restrita aos conterrâneos, apesar de estarem noutro país.

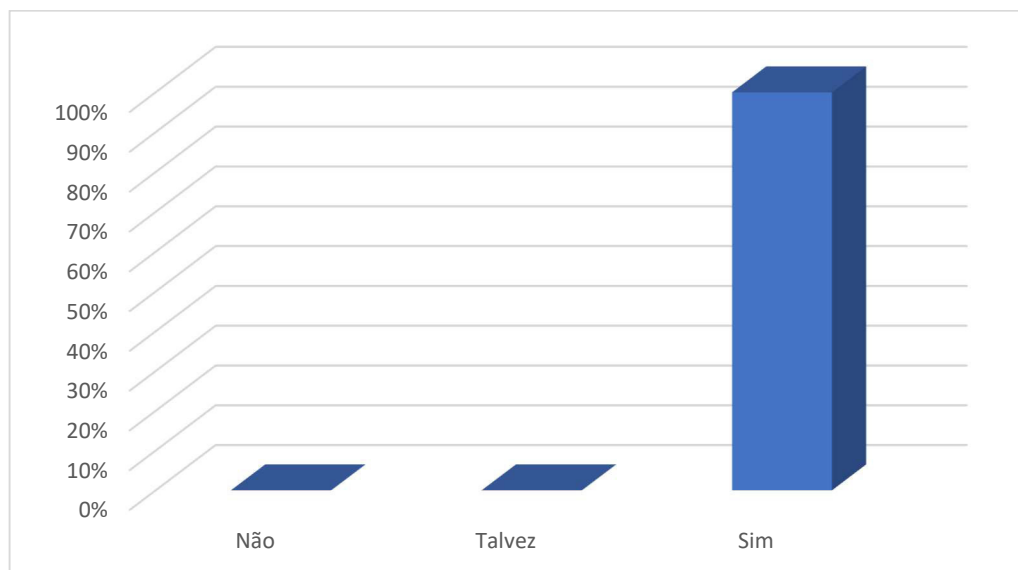
Hoje sente-se que se desconstrói gradualmente. Atualmente, e mediante os testemunhos recolhidos e a realidade vivida pelos intervenientes deste estudo, constata-se uma tendência decrescente no que concerne ao espírito de comunidade e partilha das vivências do quotidiano, percebendo-se que esta nova trajetória de emigração se circunscreve praticamente às relações familiares e amigos mais próximos, alterando de certa forma, a anterior máxima diaspórica.

Nas narrativas relativas a este tema denota-se um sentimento individualista, rivalidade e talvez algum egocentrismo no relacionamento com os restantes portugueses ali deslocados. Esta constatação vem corroborar a teoria defendida por Eduardo Lourenço, na sua obra, o *Labirinto da Saudade*, onde enfatiza que temos orgulho em sermos portugueses, mas por outro lado, também não fomentamos a cordialidade e harmonia na relação com os mesmos. (Lourenço, p. 77)

Nesta amostragem fica bem evidente a intenção de algum distanciamento inter-relacional no que toca às relações com os portugueses emigrados, que não lhe sejam próximos.

3.3.3. Regresso a Portugal

Gráfico 12: Representações de Portugal

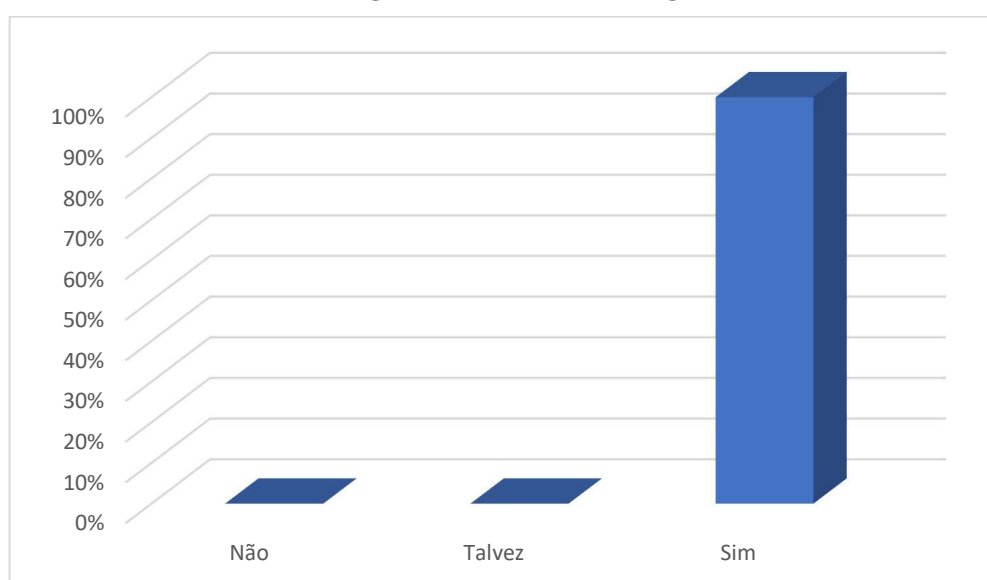


Fonte: Construção própria

No obstante, a constatação de maior integração e aculturação no país de acolhimento seja uma realidade cada vez mais constante na geração do emigrante de hoje, foi possível constatar pela observação e no decorrer da colheita das narrativas, isto é, as que, foram feitas na residência dos próprios, que as suas casas transbordam portugalidade, através de símbolos, presentes em todo o lado, física/emocional e religiosamente, uns, porque a bandeira portuguesa está na varanda (*balcão*) de (E5), e quando confrontado o porquê, prontamente diz: “ porque sou português e tenho orgulho nisso”; outros porque têm os cachecóis do clube de coração, ao lado dos da seleção portuguesa, pregados nas paredes da casa, como foi o caso da (E9) e ao olhar em torno nos vários recantos da casa na (E4), as imagens de Nossa Senhora de Fátima na sala, o Galo de Barcelos na cozinha e as canecas do Bom Jesus de Braga, juntamente com as de Guimarães (E9), terra natal do marido, as fotografias dos familiares que ficaram, das paisagens que estão na definição de fundo do computador, a televisão portuguesa sempre ligada, “para me sentir um pouco em Portugal” diz, (E4) e que na verdade foi possível constatar enquanto

decorria a entrevista, mesmo que não estejam a ver, com o intuito assumido em se manterem ligados aos sons de Portugal. Fazem as patuscadas, com comida tipicamente portuguesa, entre os familiares e amigos mais próximos, quando recebem visita de alguém de Portugal. Como se constatou, aquando da marcação da entrevista que prontamente decidiu (E9): “fazemos o jantar e depois fazes as entrevistas”. O perfil identitário de *bom acolher* português prevalece em todos os entrevistados, quando confrontados com patrícios e familiares que os visitam, dizem, que é para os manter ligados e próximos dos que não estão e dos que ficam.

Gráfico 13: Familiares e amigos residentes em Portugal

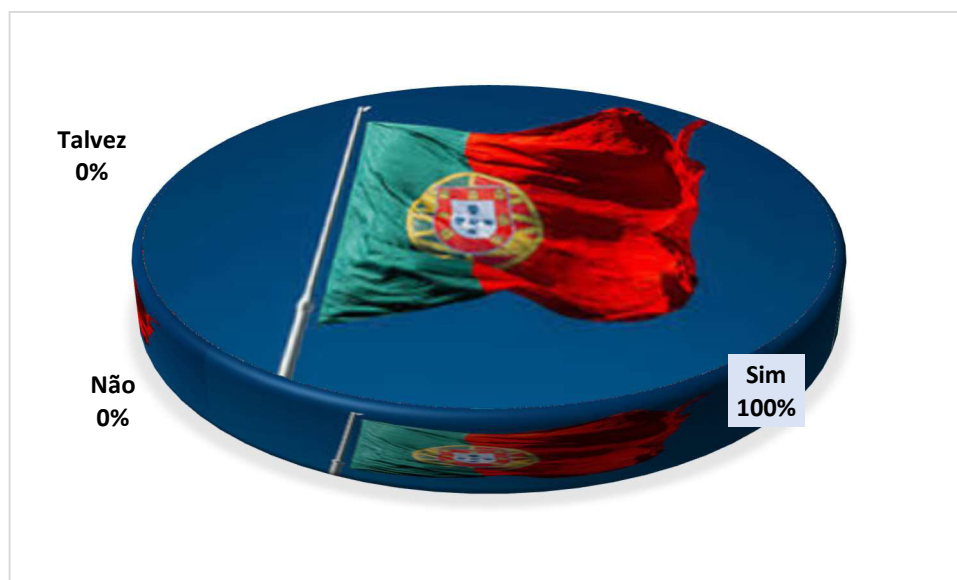


Fonte: Construção própria

Os entrevistados deste estudo, comungam do sentimento relativamente aos/e a quem deixaram para trás, nesta aventura com indelével amargura. Pôde constatar-se, aquando a realização de parte das entrevistas que se desenvolveram nas suas casas, a temática transformou-se num tormento contado na primeira pessoa, causando lágrimas em alguns dos testemunhos, dado o assunto doloroso que marcou as suas vidas e a dos seus para sempre. Os intervenientes desta investigação, durante esta dimensão, revelaram muitos estados, fossem verbais/não, verbais, choros que levavam a pausas (E2): “tenho que falar com a minha mãe todos os dias” e (E7) “ligo à minha madrinha quase sempre”, parecia que se estavam a despir e a *ressuscitar fantasmas* de um passado recente que não queriam esquecer e nem lembrar, como se fosse indizível tudo o que sentiam. Percebe-se implicitamente, através de uma linguagem não verbal perfeitamente

muito clara (com lágrimas à mistura), que preferiam não falar nisso, só sendo possível perceber no momento em que nos tentamos colocar na sua pele. É por demais evidente o sentimento de perda, de profunda tristeza e de impotência face à sua inevitabilidade da distância. As novas tecnologias, as redes sociais, vieram, no entanto, atenuar esse vazio, permitindo fazer do longe um pouco mais perto em tempo real, mesmo que virtualmente, com custos reduzidos, a fim de manterem vivas as relações com os que ficaram. Para os entrevistados envolvidos esta é já uma ferramenta indissociável da sua vida. Inteiram-se das novidades e informações do país à distância de um desbloqueio de ecrã, dando-lhes a sensação de estar presentes, mesmo não estando. “Ligo à minha mãe todos os dias”, disse (E3) com o afínco de quem não desliga dos seus laços familiares distantes.

Gráfico 14: A Saudade



Fonte: Construção própria

100% dos entrevistados desta pesquisa tem saudades. Uns dizem saudades do sol, do mar, outros enjeitando forma de enaltecer essa saudade, dizem (E5):” tenho a minha mãe...yo (chora) é isso” ou (E8), tem saudades da minha madrinha e do meu avô, são infinitas as descrições que podemos ouvir destes entrevistados, cada uma com a sua dor e lamento, outros ainda, dizem sentir saudades de respirar Portugal, dito por (E10): “vou lá carregar baterias...e volto”, mas todos, todos têm saudades de algo ou alguém em Portugal.

Acerca desta palavra que envolve um mundo de emoções dentro de si e do mundo individual dos emigrantes, a mais portuguesa das palavras, *quase* intraduzível para a maior parte das outras culturas é, pois, uma constante no coração e na mente de

quem parte. Afonso Botelho, sublinha, na obra intitulada, *Da Saudade ao Saudosismo*: “A saudade participa da essência da história de Portugal e muitas das suas decisões capitais nela se inspiraram ou a ela se sujeitaram, pelo que não se estranha que a tendência dos que estudam a sua natureza vá no sentido de lhe reconhecer autonomia ontológica, radicada em condições étnicas peninsulares” (1990, p. 11). Com *ais fundos* quando se fala de saudade, os entrevistados tentam convencer-se/nos que as novas tecnologias, as redes sociais, vieram atenuar um pouco essa saudade, como o disseram os (E1, E2, E4, E5, E6, E7, E8) e que veem matar saudades no verão ou no Natal, dito pelo (E9), mas acrescenta, “não é a mesma coisa”. Partilhado, pois, por todos, afirmando que, de certa forma isso (redes sociais) vieram ajudar a levar esta distância com menos peso. Mas como disse(E10), em relação às novas tecnologias, “não podemos abraçar... sentir o abraço...cheirar”.

A Saudade é assim a aliança tatuada nos que ficam e nos que vão, é uma dor de apego às pessoas próximas nos afetos, a um país do qual ele espera pouco, mas com que se sonha e eterniza nas *entranhas* de cada emigrante, traduzindo-se, duma certa forma, na convicção que será sempre o português, em perpétua procura dum algures.

4. Conclusão

Ao longo da história, foram referenciados vários fenómenos relativos aos fluxos migratórios internacionais. Portugal, a par deste fenómeno migratório internacional, também marcou presença, por meio do seu próprio cunho histórico, em ser tido como um país de emigração ao longo dos tempos.

Estes fenómenos migratórios foram marcados por serem de origem e ordem económica, política, sociocultural, entre outros fatores. A história do processo do fluxo migratório português, ao longo dos anos que seguem à segunda guerra mundial, ganhou um maior destaque com dois picos temporais, o primeiro diz respeito à década de 60/70 e o segundo pico temporal é referente à atualidade. Assim, a presente investigação aborda as vivências dos atuais emigrantes, segundo as narrativas baseadas na sua história de vida, desde 2008 e que se debruça sobre a necessidade de procurarem mais oportunidades de trabalho, maior remuneração e melhor condição de vida no exterior.

Com a entrada do século XXI registaram-se muitas transformações e a globalização potenciou a expansão das relações a nível internacional e com ela as várias mutações, avanços tecnológicos e meios de comunicação mais evoluídos, dando possibilidade a uma vasta e facilitada troca de capital humano, relacionada com a dinâmica da economia mundial.

Foi assim criada uma nova vaga de emigração caracterizada tanto pelo referido anteriormente, com todos os avanços e transformações registadas, como também, pela particularidade de serem pessoas com mais qualificações académicas, mantendo-se, contudo, a prevalência dos que têm menos qualificações. As várias transformações registadas, relativas às políticas internacionais, principalmente na Europa, estão relacionadas com a criação de um espaço livre comum, facilitando este intercâmbio e mobilidade de pessoas entre as fronteiras. Esta dinâmica migratória não se deu apenas por motivos de ordem internacional, mas também mediante uma conjuntura nacional de crise, instabilidade, situações de precariedade laboral, bem como o aumento do desemprego, escassez de oferta de emprego, que veio afetar em grande escala os jovens que se preparavam para entrar no mercado de trabalho, bem como as pessoas mais velhas em idade ativa.

A investigação teve como objetivo responder a várias dúvidas e deduções empíricas sobre a temática abordada, nas dimensões definidas para o estudo.

As motivações apresentadas pelos emigrantes portugueses desta nova vaga para emigrar, apontam como principal razão a conjuntura económica em tempo de crise económica financeira, que assolava o país, aquando urge optar entre ficarem confinados à instabilidade e precaridade ou intentarem no estrangeiro melhores condições de vida e inserção no mercado de trabalho, que não viram ser possível em Portugal.

Relativamente à segunda hipótese, que assenta na sua integração no país de destino sendo que as redes sociais e familiares são apontadas como cruciais, no sentido de contribuir para uma melhor integração destes emigrantes. Este processo de adaptação e integração por parte desta nova vaga não passa substancialmente por *trabalho casa, casa trabalho* querem ter qualidade de vida e sentirem-se inseridos na sociedade que os acolhe. Com efeito, os emigrantes atuais perceberam que se vão para outro país, devem, antes de tudo aprender a língua, muito referido nos intervenientes desta investigação, como sendo a barreira que mais dificulta no processo de integração no país. Contudo estes emigrantes não se reduzem a condições de precaridade laboral e/ou de habitação no sentido de remediar *ad eternum*, observou-se que estes dedicam e direcionam esforços para aumentarem a qualidade de vida no seu dia a dia, procurando conforto para si e para os seus. Esta nova atitude tem vindo a contribuir para maiores níveis de integração na sociedade suíça ultrapassada seja a *barreira* linguística.

A terceira hipótese por último, relaciona-se com o regresso a Portugal, os planos e as relações com os que ficaram em Portugal. Verificámos que este assunto sofre algumas alterações, ora, devendo-se em parte a um novo tipo de emigração, ora às várias transformações tecnológicas e até mesmo às aspirações e objetivos da emigração.

O tema do regresso emerge no discurso de muitos entrevistados como um anseio adiado, algo que ambicionam fazer, sendo que a situação profissional e/ou familiar não o permite. É transversal às várias idades desta amostra, notando-se, no entanto, algumas nuances na forma como é abordado, pois alguns dos entrevistados, já constituíram família no país de acolhimento, tornando o processo mais sonhado do que real, não se verificando planos concretos no que concerne a poupanças ou investimentos em Portugal, com vista à preparação desse regresso.

A ideia de voltar está muito associada à valorização das relações próximas com família e amigos e na saudade. Contudo, permanece como miragem num horizonte não definido.

Alguns entrevistados realçam ainda que gostariam de reatar a sua ligação a Portugal, à sua terra, à sua cultura, nomeadamente para *retomar as raízes*, voltar a casa,

promover que os filhos conheçam as suas origens e falem bem português. Outros falam ainda de sentimentos de saudades do clima, da comida, do conforto da familiaridade das paisagens e das gentes.

Porém, as melhores condições de vida no estrangeiro e o receio de perderem essa qualidade de vida no regresso a Portugal, com ordenados mais baixos e outras regalias que o país de acolhimento lhes proporciona, transforma a ideia de regresso, numa quimera.

Em suma, a ideia de regresso é uma constante na vida do emigrante, os planos de regresso, esses, são consecutivamente adiados, o sonho de retorno está preso dentro de si, mas a realidade é, para a maior parte destes entrevistados, viver a vida sem projetar a longo prazo, *um dia de cada vez*, mas com maior qualidade de vida, mesmo que isso implique optar por viver fora do seu país. Subentende-se que através dos tempos, emerge agora, uma inclinação, que se vai transformando numa *bola de neve*, adensando a tendência de *mudança de morada*, para outro país, em detrimento de Portugal. E em género de profecia, Albertino Gonçalves já havia escrito: “Engrossa a impressão que em termos de futuro os laços se estão a afrouxar. Veem menos de férias, ou pelo menos passam menos tempo no seu torrão natal...o seu entusiasmo pelo investimento em território nacional, abranda (...) torna-se useira a visita de parentes ao estrangeiro em vez do inverso.” (1996, p. 159).

As principais limitações encontradas neste estudo, incidiram sobretudo, no pouco tempo disponível, de dez dias apenas, de estadia na Suíça para proceder às entrevistas, criando assim alguma ansiedade no processo. Essa falta de tempo também limitou a organização em termos de ambiente (lugar tranquilo) para a execução das mesmas.

O guião das entrevistas foi um pouco extenso, tornando mais difícil a sua condução em contexto de narração e fluidez do discurso.

Considerando os principais resultados obtidos, procurámos delinear algumas implicações práticas possíveis e devemos colocar em ênfase que os temas migratórios são por natureza mediáticos e carregados de emoção, podendo suscitar intervenções diversas no meio das quais facilmente se perdem as vozes e os interesses próprios dos emigrantes.

À medida que esta investigação se foi desenvolvendo, sobre a nova vaga de *emigração*, deste fenómeno, assaz infindo, podemos anuir com o que nos diz, A. Gonçalves: “É evidente que melhores estudos advirão com o seu inevitável e desejável

cortejo de confirmações e infirmações, de complementos, refundições e correções.”
(1996, p. 259)

Bibliografia

Anderson, B. (2005). *Comunidades Imaginárias: Reflexões sobre a origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.

António, J. e Policarpo, V. (2012). *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos Portugueses*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.

Arroteia, J. C. e Doudin, P. A. (coord.) (1998). *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Arroteia, J.C. (1987). *Ensaio tipológico dos movimentos migratórios portugueses*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração. Centro de Estudos.

Arroteia, J.C. (1985). *Atlas da emigração portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração. Centro de Estudos.

Arroteia, J.C. (1983). *A emigração portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Arroteia, J.C. e Doudin, P-A. (1998). *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bauman, Z. (2011). *Le coût humain de la mondialisation*. Paris: Pluriel.

Bogdan, & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

- Botelho, A. (1990). *Da Saudade ao Saudosismo*, "Biblioteca Breve", série "*Pensamento e Ciência*", Lisboa, Instituto de Cultura e de Língua Portuguesa (Ministério da Educação), p. 11.
- Brandão, A. (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Investigação em Ciências Sociais.
- Barreto, A. (2002). *Mudança social em Portugal. 1960/2000*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Baird, I. (2014). *Social Networks in the Long Eighteenth Century: Clubs. Literary Salons. Textual Coteries*. Cambridge: Cambridge Schoolars Publishing.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Boyd, M. (1989). Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. *International Migration Review*, 23(3): 638-670.
- Carmo, R. M. & Simões, J. (2009). *A produção das mobilidades: redes, especialidades e trajectos*. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.
- Castells, M. (2007). *A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura*. Volume II. *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M; Fernández-Ardèvol, M; Qiu, L. e Sey, A. (2009). *Comunicação Móvel e Sociedade. Uma perspectiva global*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2011). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castles, S. (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*. Oeiras: Fim de Século.
- Cavalcanti, H. (2002). "O desencontro do ser e do lugar: a migração nordestina para São Paulo". *Arquivo*, 13, 07.
- Clanet, C. (1990). *L'interculturel - Introduction aux Approches Interculturelles en Education et Sciences Humaines*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, pp.11-34 e 59-75.

- Correia, G. M. (2015). Motivações para um eventual regresso de emigrantes a Portugal. *Revista Migrações*, Outubro 2015, n.º 12, Lisboa: ACM, pp. 39-67
- Cordeiro, A. (1999). Les Portugais une population “invisible”. In Dewitte, Philippe (dir.). *Immigration et intégration, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, pp.106-111.
- Cortes, P. (2011). El sentido de las historias de vida en investigaciones socioeducativas: Una revisión crítica. In Hernández F, Sancho J. M & Rivas J. I (Coords.). *Historias de vida en educación: Biografías en contexto* (pp. 68-74). Barcelona: Esbrina. Retirado em 29 de Setembro de 2012 de <http://hdl.handle.net/2445/15323>
- Cuche, D. (2009). L'homme marginal: une tradition conceptuelle à revisiter pour penser l'individu en diaspora. *Revue européenne des migrations internationales*. Vol. 23, N° 3, 13-31.
- Cunha, L. E. (2007). Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. 10.2, 171-186.
- Delgado, P. (2008). *Crianças e acolhedores: Histórias de vida em famílias*. Porto: Profedições.
- Evangelista, J. (1971). *Um século de população portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Centro de Estudos Demográficos.
- Ferrarotti, F. (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, A. & Finger, M. (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, pp. 17-34.
- Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. In *Sociologia. Problemas e Práticas*. N° 9. 171-177.
- Fialho, J. M. (2014). Análise de redes sociais: Princípios, Linguagem e estratégias de Acção na gestão do conhecimento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*. João Pessoa. v.4. Número especial. pp.9-26. <http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/105-redes-sociais-na-internet-desafiosa-pesquisa> acesso a 22.11.2015.
- Ghemmaz, M. (2008). *Des portugais en Europe du Nord: une comparaison France*.

Belgique. Luxembourg. Contribution à une sociologie électorale de la citoyenneté de l'Union Européenne. Thèse de Doctorat. Lille: Université de Lille II.

Giddens, A. (1997). *Modernidade e Identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.

Godinho, V. M. (1977). *Estrutura da antiga sociedade portuguesa*. Lisboa: Arcádia.

Gonçalves, A. (1996). *Imagens e Clivagens: os residentes face aos emigrantes*. Porto: Afrontamento.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Lucerna.

Halbwachs, M. (2001). *La mémoire collective*. Lorraine Audy (Édition Électronique).
Disponível em :
http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/memoire_collective/memoire_collective.html

Hall, S. (1992). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Hall, S. (1994). Cultural Identity and Diaspora. In P. Williams and L. Chrisman (eds.). (1994) *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: a Reader*. London: Harvester Wheatsheaf. p. 392-401.

Iturra, R. (1986). Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In Augusto Silva A. S. & Pinto J. M. (orgs). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Eatwell J, Milgate M. e Newman P. (1989) (editores). *The Invisible Hand*, The MacMillan Press. Londres.

Lahire, B. (2005). Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*. n.º 49, pp. 11-42

Kluzer, S., Hache, A. & Codagnone C. (2008). *Overview of Digital Support Initiatives for/by Immigrants and Ethnic Minorities in the EU 27*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.

Lechner, E. (2009). Histórias de vida: Olhares interdisciplinares. In Lechner, E. (Org.). Introdução: *O olhar biográfico*. Porto: Edições Afrontamento.

Lopes, M., Jesus, A., Lima, E., Bueno, M. & Santos, R. (n/d). *Capítulo 17. Formação continuada virtual de educadores de comunidades indígenas com REA e redes sociais em um contexto intercultural*. Brasil: Universidade Católica Dom Bosco.

Lourenço, E. (1978). *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: D. Quixote.

Lalanda, P. (1998). Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*. Vol. XXXIII (148), (4.º), 871-883.

Nunes, O. (1999). Uma abordagem sobre a relação de ajuda. A Pessoa Como Centro. *Revista de Estudos Rogerianos*, 3, 5-6.

Maffesoli, M. (2004). Palestra. In: *Seminário Internacional de Comunicação, Imaginário Social e Pós-Modernidade*. Porto Alegre. Outubro.

Maffesoli, M. (1997). *Du Nomadisme. Vagabondages Initiatiques*. Paris: Le Livre de Poche.

Maffesoli, M. (1988). *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

Marques, J. C. L. (2008). *Os Portugueses na Suíça. Migrantes Europeus*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Martins, O. A emigração portuguesa. In: *Fomento rural e emigração*. Lisboa: Guimarães e C^a. Editores, 1956.

Massey, D. et al. (1987). *Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press.

Massey, D. et al. (1990). *The social organization of migration, in Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press.

Monteiro, I. (2015). *Emigração não qualificada em Portugal: testemunhos atuais que escrevem a história de um povo*. Relatório de investigação da licenciatura em sociologia. Braga: Universidade do Minho.

Morais, P. (2003). *Parte de partida, parte de chegada: a emigração portuguesa*. Lisboa: Âncora Editora.

Oliveira, A. (2011). O Potencial político das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS): Imigrantes Brasileiros criando elos e redes de um “Estado do Emigrante. *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador: Universidade Federal de ABC- UFABC.

Padilla, Beatriz, & Ortiz, A. (2012). Fluxos Migratórios em Portugal: do Boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *Rev. Mob. Hum., Brasília*. Ano XX. nº39. pp. 159-184. jul./dez.

Pardal, L. e Lopes E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal, Editores.

Pimentel, P. (2006). *Imigração e identidade Processos que se cruzam*. Mestrado em Relações Interculturais. Porto: Universidade Aberta.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda.

Rabot, J. M. (2008). *Syncrétisme et postmodernité*. In Cabecinhas, R. & Cunha, L., *Comunicação Intercultural. Perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras. Editores. pp. 179-190.

Rocha-Trindade, M. B. (1981). *Estudos sobre a Emigração Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

Rocha-Trindade, M. B. & Arroiteia J. (1986). *A Emigração*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.

Rocha-Trindade, M. B. (1995). *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

Santos, V. (2004). *O discurso oficial do Estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e emigração dos anos 90 à actualidade*. Lisboa: Observatório da Imigração.

Saramago, J. (2009). *Historias de la emigración. Otros Cuadernos de Saramago*. Fundação Saramago. Disponible en: <http://cuaderno.josesaramago.org/52205.html>

Seabra, A. (1993). *A identidade cultural portuguesa: um patriotismo aberto à universalidade*. Conferência Inaugural proferida pelo autor na Sessão Solene de Abertura do Curso de Defesa Nacional 1994. Lisboa, IDN, 10 de novembro.

Serrão, J. (1982). *A emigração portuguesa: Sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sloterdijk, Peter (2008). *Palácio de Cristal. Para Uma Teoria Filosófica da Globalização*. Lisboa: Relógio d'Água.

Simmel, G. (1908). Digression sur l'étranger. In Grafmeyer, Y. & Joseph, I. (orgs.). *L'École de Chicago*. Paris: Éditions du Champ Urbain, pp. 53-59.

Soulet, Marc-Henry (2005). Imigração e integração: os paradoxos do «enclave suíço». In Barreto, António (2005) (org.). *Globalização e migrações*. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências sociais, pp. 223-250.

Tilly, C. (1990). Transplanted Networks, in Yans-Mc Laughlin (ed.). *Virginia. Immigration Reconsidered*. Oxford: Oxford University Press, pp. 79-95.

Webgrafia

<http://www.eduardolourenco.com/bibliografia/07-Labirinto-da-Saudade/EL-Labirinto-da-Saudade-9.html>

http://observatorioemigracao.pt/np4/paises_pdf.html?id=43

<http://ionline.sapo.pt/497871>

<https://www.ecodebate.com.br/2011/09/15/origem-causas-e-impacto-da-crise-financeira-global-de-2008>

<http://visao.sapo.pt/atualidade/2015-11-02-Portugal-volta-a-ser-Pais-de-emigracao>

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223399973C6kKN4py4Wy54XP5.pdf>

<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/16053/regressar-portugal-ja-estamos-muito-bem-instalados-muito-obrigado>

<http://www.jn.pt/sociedade/interior/portugal-com-mais-emigrantes-do-que-imigrantes-em-2012-3584399.html>

<http://www.dn.pt/globo/interior/emigracao-portuguesa-para-a-suica-regista-recorde-4016774.html>

<https://www.dinheirovivo.pt/economia/emigracao-portuguesa-para-a-suica-atinge-recorde-em-2013/>

<http://www.lerjorgedesena.lettras.ufrj.br/antologias/declaracoes-publicas/discurso-da-guarda/>

<https://www.cm-vminho.pt/>

5. Anexos

GUIÃO DE ENTREVISTA

Público-alvo: Emigrantes de Vieira do Minho para a Suíça (Zurique), desde 2008 até à atualidade.

Questões/pontos a abordar nas perguntas:

- i. Obter conhecimento sobre o perfil social e profissional dos entrevistados antes da emigração para a Suíça (Zurique)
- ii. Descobrir as diferenças dos hábitos quotidianos entre os países de origem e de destino (atividades de ordem social e laboral);
- iii. Investigar contatos prévios por parte dos mesmos, a partir do país de destino e em que medida isso contribuiu para a decisão de emigrar;
- iv. Compreender as razões que levaram estas pessoas a optarem pela Suíça como país de destino e, particularmente, a cidade de Zurique para instalação local (perceber o(s) fator(es) de atração desta cidade);
- v. Perceber como se sentem, no que diz respeito à sua integração social na Suíça (tendo em conta todos os aspetos que caracterizam e indicam o nível de inserção no país - acolhimento, habitação, emprego, remuneração e vantagens de ordem económica e profissional, educação, relações sociais, entre outros);
- vi. Conhecer as atividades profissionais exercidas atualmente pelos entrevistados;
- vii. Conhecer quais os apoios que tiveram ao longo da sua inserção social, sobretudo nos primeiros tempos;
- viii. Como se sentem no que respeita ao contexto sociocultural suíço;
- ix. Saber se estas pessoas preservam ou se tentam preservar traços culturais próprios;
- x. Perceber se têm saudades/nostalgia de estar em longe de Portugal.

O mito e a realidade atual da emigração dos vieirenses para Zurique

ESTRUTURA DO GUIÃO

1ª Parte - Apresentação; Recolha de dados biográficos

Questões a abordar:

1. País, região de origem, área de residência, Idade, género, estado civil [Casado/Solteiro/outro] (se o cônjuge é português ou do país de destino), nacionalidade, agregado familiar, profissão e nível de escolaridade.

2ª Parte - Percurso migratório

Questões a abordar:

2. Fale-me sobre o seu percurso de vida, o que o levou a emigrar e a forma como vivencia esta condição de ser emigrante.
 - 2.1. Qual o ano em que decidiu emigrar? Porquê?
 - 2.2. O que a motivou a emigrar? (Que razões o/a levaram a emigrar?)
3. Como sentiu a crise em Portugal? Como e até que ponto foi afetado pela crise em Portugal?
 - 3.1. Quando se apercebeu da crise financeira? De que forma?
 - 3.2. Como sentiu a crise e o que ela representou, nessa altura em que emigrou?
 - 3.3. Como encarou a decisão de emigrar? E os seus familiares, como reagiram?
4. Como teve conhecimento do país de destino?
5. Que contatos teve e com quem?
6. Que apoios teve no seu percurso de emigração?

7. Como foi planeado o percurso de Portugal para a Suíça?
8. Veio sozinho/a ou não?
9. O que mais o/a atraiu à Suíça e à cidade de Zurique?
10. Fale-me da sua emigração e da emigração dos seus pais e familiares. Quais as diferenças ou semelhanças?

3ª Parte - Situação Social e Profissional

Questões a abordar:

11. Qual a sua situação profissional?
12. Qual a sua profissão atual e anterior(es) (incluindo a do país de origem)?
13. Como obteve o primeiro emprego na Suíça?
14. Como obteve o atual emprego?
15. Como se sente com o atual emprego?
16. O que pensa da remuneração que auferir? Considera a remuneração adequada?
 - 16.1. A que apoios recorre ou já recorreu na Suíça (que instituições)?
 - 16.2. Quais as habilitações académicas que possui e qual a compatibilidade com a sua atual profissão?
 - 16.3. Fale-me sobre o seu percurso profissional na Suíça desde o seu primeiro emprego.
 - 16.4. Fale-me da forma como sente que é tratado no seu local de trabalho, enquanto emigrante?

4ª Parte – Integração na sociedade Suíça e convivência com os suíços

Questões a abordar:

17. Fale-me sobre a sua integração social no país a nível pessoal e familiar (principais passos tomados, nomeadamente na língua)?
18. Fale-me das principais dificuldades de integração?
19. Sente-se (ou já se sentiu) discriminado/a de alguma forma?
20. Como você próprio e a família estão a lidar com a sua estadia/integração na Suíça?
21. Fale-me das vantagens em ter emigrado para a Suíça(Zurique)?
22. Quais as diferenças culturais entre Portugal e a Suíça, e como lida com as mesmas?
23. Procura preservar traços culturais do seu país? Como?
24. De que forma é que pode legalmente, estar a trabalhar na Suíça? Quais são os requisitos? Como fez para conseguir a legalidade/residência?
25. Identifica-se cultural e socialmente, mais com Portugal ou com a Suíça? E os filhos (caso se aplique)?
26. Sente-se mais suíço ou português?
27. A língua portuguesa é para vocês fundamental mesmo num país de língua diferente?
 - 27.1. Acha importante que os seus filhos aprendam português? Porquê?
 - 27.2. O que é para si ser emigrante em terra de suíços?
 - 27.3. Que representação faz de si próprio, enquanto emigrante?
 - 27.4. Fale-me um pouco sobre quem era o/a Sr(a) antes de ter emigrado e quem é o/a Sr(a), depois de ter emigrado? (identidades e representações de si próprio diferentes?)
 - 27.5. De que forma julga que as redes sociais afetam a identidade dos emigrantes?
 - 27.6. Que perceção tinha sobre a emigração e que perceção tem agora?
 - 27.7. Se lhe pedisse para caracterizar os emigrantes portugueses na suíça o que diria? Existirá um perfil próprio? Como o descreve?
 - 27.8. Se fosse um suíço nativo, como descreveria um emigrante português?

5ª Parte - Considerações pessoais relativamente a matérias de natureza política, social e económica de Portugal

Questões a abordar:

28. Qual a sua opinião sobre o impacto da emigração portuguesa, nas famílias, na sociedade e para Portugal?
29. Como vê a situação atual de Portugal?
30. Qual a sua opinião relativamente à União Europeia e suas políticas de e/imigração?
31. Qual a sua opinião relativamente à posição de Portugal e do Estado português, no que concerne às políticas sociais desenvolvidas na questão da emigração; outras matérias.
32. Que relações mantém com Portugal?
33. Institucionais ou particulares? Fale-me um pouco dessas relações.
 - 33.1. Quando tem por habito visitar Portugal e com que frequência?
 - 33.2. Tem saudades de Portugal? De quê? (se sim). Como lida com isso?
 - 33.3. Se lhe perguntasse qual é a sua terra, o que respondia?
 - 33.4. Fale-me da forma como é tratado pelos Portugueses, enquanto emigrante?
 - 33.5. Pensa regressar para Portugal?
 - 33.6. Como vê o futuro dos portugueses que regressam a Portugal?
 - 33.7. Se voltasse atrás no tempo emigraria?
 - 33.8. Que aspirações tem para o seu futuro e da sua família?
 - 33.9. Se pudesse pedir 3 desejos (em relação ao seu futuro), quais seriam?
 - 33.10. Apesar de tudo, sente-se feliz?